

Capítulo I

Panorama da Vida Social de Goa nos Séculos XIX e XX

Nota Preliminar

O território de Goa, com as suas feições geo-políticas presentes está dividido em Velhas e Novas Conquistas. As Velhas Conquistas compreendendo os actuais concelhos das Ilhas (Tisvadi), Bardez, Salsete e Mormugão são as áreas conquistadas no século XVI. A ilha de Goa foi o primeiro território a ser conquistado por Afonso de Albuquerque em 1510. Os territórios de Bardez e Salsete foram anexados definitivamente em 1543 (1)

A região das Novas Conquistas compreendendo os actuais sete concelhos de Perném, Bicholim, Pondá, Sanguém, Quepém, Canácona e Satari foi anexada definitivamente ao Estado da Índia nos fins do século XVIII, sendo Pondá o último território a integrar o Estado da Índia, em virtude do tratado de 17 de Janeiro de 1791, feito com o rei de Sunda, Savai Bassava Linga (2)

Assim, é a partir da última década do século XVIII que Goa, a capital do Império Português no Oriente adquiriu as presentes feições geo-políticas. Tal entidade sobreviveu sob o regime português que findou em 1961 e, dentro das mesmas fronteiras, sobrevive até os nossos dias integrada na União Indiana como o seu 25º- estado.

A Índia foi, desde tempos remotos, concebida e olhada pela imaginação dos

(1) Saldanha, Gabriel, *História de Goa (Política e Arqueológica)*, 2ª ed, Vol. 1, Nova Goa, 1925, pag. 41-45; Xavier, Filipe Nery, *Gabinete Literário das Fontainhas*, Vol. 11, pag. 31

(2) Saldanha, Gabriel, *op. cit.*, pag. 311 - 312

européus como uma "terra fabulosa de riqueza indizível e fenómenos místicos" (3) Foi por isso que os portugueses, os ingleses, os franceses e os holandeses desafiaram uns aos outros para ganharem domínio pleno desta terra . Cada nação a que estes colonizadores pertenceram teve a sua estampa própria de imperialismo e colonialismo.

Se se compararem os portugueses aos ingleses na sua respectiva obra colonizadora, ressalta à vista que, enquanto os portugueses eram românticos, cruzados e conquistadores bem como comerciantes que se importavam mais com a extensão da religião católica do que com o engrandecimento territorial e económico do seu império, os ingleses que demandaram a Índia, um século mais tarde, começando por estabelecer o East India Company, eram autênticos comerciantes modernos cujo fito era apenas dividendos e lucros (4).

Com o estabelecimento dos portugueses na Índia, as terras do seu domínio estavam destinadas a ganhar feições sociais típicas. Os missionários que acompanharam os conquistadores exerceram com grande zelo o seu apostolado predominantemente nas Velhas Conquistas e, de facto, converteram a população local pertencente às mais altas classes sociais bem como às mais baixas.

(3) Thapar, Romila, *A History of India*, Penguin Books, 1979 pag. 15

"L'Orient, plein de mystères et de richesses d'où venaient les soieries, les perles, les parfums, les épices, l'Inde et la Chine surtout exercèrent sur les imaginations vives et curieuses de nos ancêtres une véritable fascinations". (Paul Leroy- Beaulieu, *De la Colonisation chez les peuples modernes*, pag 22. Paris 1891 citado por Germano da Silva Correia, *História da Colonização Portuguesa na Índia*, A G C, Lisboa, 1948, pag. 128.

(4) Saldanha, J. A., *Goan Castes*, Vol. I, Kanará, pag. 82; Collis Maurice, *The Land of Great Image*, 1946, pag. 3, citados por B. G. D'Souza, *Goan Society in transition*, pag. 95

" Les Portugais, dans cette expansion ininterrompue qui les porta à la extrémité du monde, obéissaient à un esprit d'aventure qu'ils tenaient des guerres perpétuelles contre les Maures, à une avidité mercantile que le spectacle de la prospérité de Venise avait enflammé et aussi, dans une large mesure à un esprit de propagande chrétienne que l'on retrouve dans toutes les entreprises de ces temps de ferveur religieuse" (Paul Leroy-Beaulieu - *De la Colonisation chez les peuples modernes* pag. 41, Paris 1891, citado por A.C. Germano da Silva Correia, *Etiologia da Expansão Colonial Portuguesa no Oriente. História da Colonização Portuguesa na Índia*, pag. 199, Agência Geral das Colónias, Lisboa, MCMLVII.

"Já na praia começava a levantar-se a basilica, momento ingénio dessa religião do comércio, erguido a Jesus e à pimenta - os dois deuses que viviam no céu português (ou cartagines): dois deuses piamente adorados, mas servidos de um modo igualmente bárbaro ". (Oliveira Martins, *História de Portugal*, Lisboa 1917, pag.221, citado por Germano da S. Correia, *op. cit.* pag 199.

"Whatever the motives which originally inspired the Portuguese in their voyages of discovery . . . those motives were epitomised in the search for " Christians and spices ". This was the answer given by one of Vasco da Gama's men to two astonished Tunisian traders at Calicut (on the Malabar coast of Western India) who asked them what motive had brought the Feringhis this far" (C. Boxer, "Golden Goa 1510-1954", em *History Today*, v. 4 (11) November pag. 754 - 63, Ripon College Library.

E para que o povo da Índia que “preza muito a sua honra” levasse uma “vida boa” se não por “considerações do que deve a Deus” ao menos “por medo da desgraça e vergonha da prisão e outros castigos” (5), foi introduzida na Índia a Inquisição que funcionou desde o seu estabelecimento em 1560 até 1812, ano em que foi abolida (6).

Um bom número de leis anti-hindus foi promulgado entre meados do século XVI até o primeiro quartel do século XVIII.. Tais leis visavam à protecção dos neo-convertidos. Todas elas podem ser metidas em duas categorias: a primeira que abrange todas as medidas destinadas a tornar difícil aos nativos reter a sua velha religião e, a segunda, as medidas tomadas com o intuito de dar incentivos positivos para aceitar a fe' cristã (7).

Durante os primeiros dois séculos e meio, o regime português esteve limitado às Velhas Conquistas. O terror incutido pela Inquisição afugentou os hindus desta área. As Velhas Conquistas tornaram-se uma região predominantemente, se não integralmente cristã. Só após a extinção da Inquisição e um decrescer da actividade convertedora, um bom número de hindus passou para as Velhas Conquistas à procura de emprego e, de igual maneira, alguns cristãos passaram para as Novas Conquistas. Este intercâmbio porém foi limitado.

Os cristãos tornaram-se uma classe social favorecida pelo Governo e os hindus uma classe desfavorecida.

Os portugueses que entraram na península indiana com o fito de obter “especiarias e riqueza para o seu rei da Terra” e “ganhar almas para o seu Rei do Céu” (8) estavam determinados a converter a população local ao cristianismo onde quer que eles deixassem seu pé. Conversão para eles significava não apenas uma mudança de reli-

(5) Carta do jesuíta Nunes Barreto escrita ao Superior Geral em Roma, citada por A. K. Priolkar, *The Goa Inquisition*, pag. 24

(6) A. K. Priolkar, *The Goa Inquisition*, pag. 22 -33

(7) B. G. D'Souza, *Goan society in transition*, pag. 133; Noronha, Antonio de, *Os Indus de Goa e a República Portuguesa*, cap II - IV, pag. 217 e seg.

(8) " O sonho de todos os moços válidos era partir para o Oriente - e era naturalissimo isto: chamavam-nos ali todos os incentivos, os mais nobres como os menos elevados - servir a fé católica e o rei, ganhar honra e nome, e ter probabilidade de voltar rico, que mais podiam querer ? " in Conde de Ficalho, *Garcia de Orta e o seu tempo*, Lisboa 1886, pag. 54 e seg

gião msd ums verdadeira conversão cultural (9).

" Houve sempre da parte do Europeu ibérico " — diz Gilberto Freyre no seu já citado *O Luso e o Trópico* — "o afã de transmitir a esses grupos não- europeus valores cristãos e europeus, considerados por ele essenciais ao bem estar humano". Em outras palavras, a colonização portuguesa seguiu o seu curso em conformidade com a prática de evangelização e assimilação cultural inerente (10), adentro do quadro das ideias do século XV e seguintes, expressas na fórmula " missão de civilizar"(11).

Para compreendermos bem a influência que a colonização portuguesa teve na formação do que se poderia chamar o *homo goanensis* de que o escritor indo-português é o mais fino espécime, vale a pena lançar uma vista detalhada sobre alguns factores que pesaram neste processo, bem como ter diante dos olhos o quadro das condições gerais do viver social .

A Educação e o Ensino

Alguns antecedentes históricos

Quando Afonso de Albuquerque conquistou Goa, esta terra não era um centro de cultura como Taxila . Goa era apenas "dependência de um rei mouro", o rei de Bijapur, Adil Shah, onde " a cultura ariana que se expandira por toda a Índia, não podia deixar de afirmar-se na mentalidade, nos costumes e nas instituições deste pequeno povo".

(9) B. G. D'Souza, *op. cit.*, pag. 92-97

(10) " Os outros reinos da Cristandade têm por fim a conservação dos vassallos em ordem à felicidade temporal nesta vida e à felicidade eterna na outra. O reino de Portugal, demais deste fim universal a todos, tem por fim particular e próprio a propagação e extensão da Fé católica . . . e quanto mais Portugal se ajustar com este fim, tanto mais certa e segura terá a conservação, e quanto mais se desviar dele, tanto mais duvidosa e arruinada ". António Vieira citado em " S. Francisco Xavier e Portugal " por António Garcia, S. J. em *Boletim do Instituto Vasco da Gama*, no. 69. Dezenbro de 1952

(11) Toynbee, Arnold J., *A Study of History*. Abridgement by D. C. Somervell, Oxford University Press, 1962, pag. 36 e seg: " The misconception of the Unity of Civilization "

"Para a expansão da língua e costumes portugueses, Albuquerque instituiu escolas que, principalmente, se destinavam a preparar os naturais para o desempenho de funções públicas "(12)

Porém, estas escolas não se foram desenvolvendo e expandindo como escolas seculares do governo. O ensino público tornar-se-ia depressa um monopólio eclesiástico. Compreende-se isto se se tiver em mente que "a conquista da espada que subjugava as terras aliava-se estreitamente à conquista da cruz que ao lado da propagação da nova religião propagava também os elementos da educação moral."(13).

Assim, sob os auspícios da confraria de Santa Fé foi fundado o Seminário de Santa Fé, um instituto do clero secular, "o primeiro estabelecimento literário colocado na Ásia depois do de António Galvão" (14), onde se criassem em letras e bons costumes, meninos de todas as nações orientais, nomeando especialmente Canarins, Decanis do Norte, Malabares, Chingalás, Bengalas, Pegus, Malaios, Jaos, Chinas, e Abexins, porque ainda então não havia notícia de Japão, a fim de que, vindo estes meninos a ser sacerdotes tornassem às suas pátrias e pregassem o sagrado Evangelho a seus naturais (15).

Poucos meses depois da fundação deste Seminário, entrava em Goa São Francisco Xavier, o mais alto e venerado representante da Companhia de Jesus. Referindo-se aos estudantes do Seminário de Santa Fé, na carta escrita de Goa em Outubro de 1543 ao seu Superior, Inácio de Loiola, Francisco Xavier disse que havia nele mais de sessenta rapazes indígenas muito bem preparados e instruídos pelo Padre Borba: "a maior parte sabe ler, muitos sabem escrever e são capazes de prosseguir nas letras "(16).

Em breve, este Seminário foi entregue com todas as suas rendas a São Francisco Xavier. Logo que tomou posse das rendas deste instituto, a Companhia tratou de mandar construir dois edificios: um para o seminário existente e o outro para o colégio que se denominaria São Paulo.

(12) Menezes Bragança, " A Educação e o Ensino" em *A Índia Portuguesa*, Vol II, Nova Goa, Imprensa Nacional, 1923, pag. 15 - 16

(13) Barreto Miranda, *Quadros Históricos de Goa*, Quadro XV, " A instrução e a educação", pag. 58

(14) *Ibidem*, pag. 60

(15) Sousa, Pe. Francisco, *Oriente Conquistado a Jesus Cristo* cit. por Menezes Bragança *op. cit.* pag. 23

(16) cit. por Menezes Bragança *loc. cit.* pag. 27

As disciplinas que se ministravam aos que “mostravam engenho para as letras e vocação ao sacerdócio” eram música, gramática, retórica, filosofia e teologia (17).

À medida que o Colégio de São Paulo, residência dos padres da Companhia, crescia em prosperidade, o seminário de Santa Fé tornou-se sua dependência e o nome de São Paulo acabou por designar os dois institutos.

Quando a província de Salsete foi definitivamente integrada no domínio português, a povoação de Margão foi escolhida para se fixar nela, em 1574, a sede de um novo seminário que no ano imediato passou a Rachol.

Dentro de breve outros religiosos que estavam lá ou viriam estabelecer-se em Goa teriam, cada ordem religiosa, seus colégios. Assim, os franciscanos, os primeiros que se haviam estabelecido na Índia após a conquista portuguesa, evangelizaram Bardez e “fundaram nos Reis-Magos o seu primeiro colégio de instrução elementar” (19). No século XVII “fundaram na Cidade de Goa e não muito longe do Arsenal o seu grande instituto de ensino, denominado Colégio de São Boaventura (20).

“Os dominicanos, terceira ordem religiosa depois dos jesuítas que se estabeleceu na Índia, haviam fundado o colégio de São Tomás no sítio de Panjim”. Neste instituto admitiam-se “alunos estranhos à ordem que concorriam para o estudo sempre florescente de teologia, filosofia e línguas (21)”.

Os agostinianos, quarta ordem religiosa na Índia, edificaram para o seu estudo o colégio de N. Senhora do Populo onde se ensinava públicamente latim, filosofia e teologia.

“A congregação do Oratório de São Filipe Nery numerosa e rica cuja ilustração estava mais em contacto com os povos, havia estabelecido o seu colégio no convento dos carmelitas descalços (22)”

(17) Menezes Bragança *loc. cit.* pag.28; Barreto Miranda *op.cit* pag.61

(19) Menezes Bragança. *loc. cit.*, pag. 34

(20) *Ibidem*, pag.34

(21) Barreto Miranda, *loc. cit.*, pag. 75

(22) Barreto Miranda, *loc. cit.* , pag. 76

Enquanto a instrução intermédia e superior se difundia nestes colégios das ordens religiosas, “a instrução primária para o povo generalizava-se o mais possível nas escolas estabelecidas nas igrejas das freguesias (23)”. Foi nestas escolas que se ensinava a ler e a escrever português bem como o canto. Eram por isso conhecidas como escolas paroquiais ou de canto. Porém, os métodos de ensinar eram imperfeitos e rudimentares porquanto a selecção dos mestres estava subordinada às conveniências culturais do canto. O ensino de leitura e escrita intervinha apenas como um elemento subsidiário, nas proporções mínimas em que esse conhecimento se tornava indispensável para a inteligência do catecismo e dos hinos litúrgicos que eram em latim, na sua maior parte, em português e concanin (24)”.

O programa e o sistema educacional português nos séculos XVI, XVII e XVIII obedecia ao objectivo de conversão da população local e à formação dos neo-convertidos na doutrina cristã. D. João III ordenou por carta régia de 1545 a D. João de Castro a abertura das escolas para se doutrinarem meninos, em todas as aldeias onde tivesse raiado a luz da lei de Cristo, nestes termos: “Vos encomendamos mui apertadamente que em lugares accomodados fundeis estudos e casa de devoção, às quaes em certos dias accudam aos sermões e práticas espirituais, não só os christãos mas também os gentios, para que por esta via se affeiçoem à nossa santa fé, e ao conhecimento dos erros em que vivem, allumiando-lhes as almas com a luz do evangelho” (25).

O resultado deste sistema foi que as vistas dos estudantes não se “extendiam além da igreja e do altar. Tocar a rabeça e o pandeiro, tirar os sons do órgão, repetir de cor as orações e o catecismo, ajudar a missa e psalmodiar o psaltério era o pensamento dominante e algumas vezes o termo final onde vinha acabar a carreira estudiosa da juventude que não aspirasse o lugar de alumno nos seminários. Os estudos da leitura, da escriptura, e da contabilidade eram menos aperfeiçoados que o canto, rabeça e o órgão “ (26).

Todavia, era diferente a influência que teve nos seus alunos a educação ministrada nos colégios religiosos aos candidatos ao sacerdócio, pois “ao lado d’uma sólida e profunda instrução que adquiria, ganhava-se também uma educação severa e

(23) *Ibidem*, pag. 68

(24) Menezes Bragança, *loc. cit.*, pag 18

(25) Barreto Miranda, *op. cit.*, pag. 69

(26) *Ibidem*, pag. 69 - 70

exemplar". O método de ensinar consistia nas "práticas sabatinas, dos tropeus escolares, dos discursos, oratórios, nos dias solenes recitados em termos alambicados pelos alunos, nas justas literárias criadas nos trimestres e semestres, nas admoestações em phrase pomposa recitadas pelos professores como próprias para avivar vocação oratória dos que têm de ser oradores da tribuna sacra " (27).

Em 1759 o Marquês de Pombal expulsou os jesuítas de Portugal e seus domínios. A Índia deve-lhe benefícios pois , foi ele que "lançou os alicerces para a emancipação dos índios, igualando os naturais da Índia aos portugueses da metrópole em todos os direitos sem a menor diferença" (28).

Durante o governo de Pombal, a carta régia de 6 de Novembro de 1772 "criou em Goa dois mestres de ler, escrever e contar (mestres régios) dois professores de gramática latina, um de grego, um de retórica e um de filosofia".

Em 1778 um aviso régio atentou " a necessidade de alargar o ensino público às províncias de Salsete e Bardez " (29). Estabeleceu além disso em Goa um Colégio dos Naturais e criou um imposto de subsídio literário.

Eis uma breve resenha de todas as medidas em prol da instrução e educação nos primeiros dois séculos e meio após a conquista de Goa. Todavia, em finais do século XVIII o quadro de aproveitamento da instrução portuguesa não era nada animador pois "a língua portuguesa (era) completamente desconhecida no trato familiar e descuidosamente ensinada nas escolas primárias" (30). Este estado de coisas era devido à "excessiva familiaridade com as obras latinas . . . que fizera . . . estranha a leitura dos clássicos portugueses". Daí , eram "raríssimos os que depois de robustecidos nos estudos, davam-se à tarefa de escrever ao público e transmitir à posteridade a soma dos conhecimentos que possuíam" (31).

(27) *Ibidem*, pag. 66 - 67

(28) Bruto da Costa, Roberto, *A Hidra do Nativismo*, Tip. Bragança e Ca., Nova Goa, 1920, pag. 151; Noronha, António de, " Os Índus e a República" em *A Índia Portuguesa*, vol. 2o, Nova Goa, Imprensa Nacional, 123, pag. 324 - 328.

(29) Menezes Bragança, *op. cit.* , pag. 74.

(30) Barreto Miranda, J. Caetano, *op. cit.*, Quadro XVI, "*Escreptores do séc 17o e 18o*", pag. 89, Margão 1864.

(31) *Ibidem*, pag. 89

AVREOLA

DOS INDIOS,

&

NOBILIARCHIA BRACMANA.

TRATADO HISTORICO, GENEALOGICO, PANEGYRICO.

POLITICO, & MORAL,

Offerecido

AO EXCELLENTISSIMO SENHOR

DOM PEDRO LUIS DE MENEZES,

MARQUEZ DE MARIALVA, CONDE DE CANTANHEDE.

MORDOMO MOR. &c.

Escrito pelo Licenciado

ANTONIO JOAM DE FRIAS,

PROTONOTARIO APOSTOLICO, NOTARIO DA BULLA DA SANTA
CRUZADA, CAPELLÃO DA SUA Magestade, & VIGARIO
CONFIRMADO DA IGREJA PAROCHIAL DE
S. ANDRE DE GOA VELHA.

LISBOA-1702.



COMBALM :

LIVRARIA DE A FILHO

1892

Não faltava talento em Goa . Todavia, por mais engenhoso que um escritor criativo ou um artista seja, nenhuma obra pode nascer de súbito. Ela precisa de passar primeiro por um processo íntimo e doloroso dentro do artista, à busca da forma de a exprimir, processo este que um crítico de arte comparou ao processo da gestação (32).

Foi só em 1702 que apareceu a primeira obra de literatura indo-portuguesa. Referimo-nos à *Auréola dos Índios e Nobiliarquia Bracmana* impressa em Lisboa nesse mesmo ano, escrita pelo Padre António João Frias (1664 - 1727). Já antes dele o Padre Francisco do Rego escrevera um *Tratado Apologético contra várias calúmnias impostas pela malevolência contra a Nação Bracmana* que não chegou a ser publicado por o autor ter falecido nesse mesmo ano. Ambos estes sacerdotes eram brâmanes. Contra eles apareceu o Padre Leonardo Pais, da casta chardó, com o *Promptuário das Diffinições Índicas*. (Lisboa 1713)

Na *Auréola* a tese de António João Frias é a superioridade da casta brâmane sobre as outras e Leonardo Pais no *Promptuário* bate-se pela superioridade da sua casta. Embora como obras de literatura criativa o seu valor seja nulo, a *Auréola* e o *Promptuário* merecem uma referência especial na história social de Goa.

Saídos como são, das mãos de sacerdotes, a *Auréola* e o *Promptuário* representam "um desporto pouco compatível com a dignidade clerical, de romper lanças pela supremacia" (33) das suas respectivas castas.

De facto, "faz pena o verificar que estes dois eclesiásticos, tão inteligentes e cultos, tenham dissipado a riqueza do seu engenho, digno de aplicação melhor, em questões de lana caprina".

Todavia, vistas sob o prisma sociológico, estas duas primeiras obras, escritas por goeses, em língua portuguesa são "nada mais do que tentativas de justificação, à luz da teologia católica, dos fenómenos sociais da Índia, que continuavam a ser parte inerente do novo cristianismo indiático" (34).

(32) Egenter, Richard, *O mau gosto e a piedade litúrgica*, colecção Éfeso, cap. 1; Correia Afonso, Francisco, "Prefácio" a *No Pais de Sória*, pag. XV

(33) Dias, Filinto Cristo. , *Esboço da Literatura Indo-Portuguesa*, 1963, pag. 5 - 6.

(34) Devi - Seabra, *A Literatura Indo-Portuguesa*, 1971, pag. 116

É que a instrução e a educação tinham, decerto, inculcado no indiano- goês - católico os princípios cristãos principalmente o igualitarismo. Mas, por outro lado, filho da Índia milenária, ele não estava desenraizado da terra de que os ancestrais costumes, crenças, estruturas sociais eram parte integrante que o cristianismo não abolira. No goês cristão o espírito igualitário cristão e a consciência de pertencer à Índia-Mãe coexistiam, aquele sobreposto a esta. Daí, era natural que a primeira obra produzida por um goês cristão --- dada a natureza dos elementos luso-cristão e hindus que enformavam a sua personalidade --- fosse expressão do conflito cultural íntimo que ele enfrentava.

Por esta mesma altura o padre João da Cunha Jaques escreveu a *Espada de David contra o Golias do Bramanismo pessimo inimigo de Jesu Christo, e Senhor nosso* que nao se sabe se chegou a publicar. Este livro, na opinião de Devi- Seabra, não seria uma obra de carácter castista mas uma tremenda catilinária contra o hinduismo (35).

Uma outra figura notável nas letras indo-portuguesas no século XVIII foi o padre Sebastião do Rego que nos deixou alguns sermões entre os quais o seu famoso *Sermão de Santa Cruz dos Milagres* publicado em 1745, e mais duas obras de vulto a *Vida do Venerável Padre José Vas* (Lisboa 1745) e a *Chronica da Congregação do Oratório de Goa*, inédita (36).

À Congregação do Oratório pertenciam duas figuras egrégias, a saber, o padre Jácome Gonçalves, autor de, ao menos, 26 obras de carácter apologético e polémico, escritas em português, em singalês e em tamil. Das escritas em português há referência à sua *Refutação das quatro seitas, Paganismo, Mourismo, Judaismo e Calvinismo* (37).

A outra figura é o padre José Vás (1651-1711). Dominava bem a língua

(35) Barreto Miranda, J. V., *op. cit.*, Quadro XVI, pag. 88, Margao 1863;
V. Devi - M. Seabra, *A Literatura Indo-Portuguesa*, Lisboa, 1971, pag. 115 - 117

(36) Barreto Miranda, *op. cit.*, pag. 94 - 97
Devi - Seabra, *op. cit.*, pag. 119 - 120;

(37) Barreto Miranda, *op. cit.*, pag. 101-102

VIDA

DO

VENERAVEL PADRE

JOSEPH VAS,

DA CONGREGAÇÃO DO ORATORIO

De S. Philippe Nery da cidade de Goa,
na India oriental: fundador da Inimosa
missão, que os congregados desta
casa tem á sua conta na ilha
de Ceylão.

COMPOSTA PELO PADRE

SEBASTIÃO DO REIS

Da mesma congregação.

Segunda edição

Com notas e additamentos

POR

J. C. Barreto Miranda.

MARGÃO

NA TYPOGRAPHIA DE

18.

1867



portuguesa e a prova disto são as cartas escritas por ele de Ceilão ao seu sobrinho diácono José Vás e aos seus irmãos oratorianos em Goa , que revelam tanto o seu conhecimento da língua portuguesa como a sua espiritualidade (38).

Como acabámos de ver, todos estes primeiros escritores indo-portugueses eram sacerdotes .A presença portuguesa de dois séculos criara já .nas classes instruídas , uma integração emocional na civilização portuguesa. Sebastião do Rego no seu *Sermão* é, em nossa opinião, um porta-voz dos sentimentos dos concidadaões e dos irmãos no sacerdócio do seu tempo ,quando exprime a sua convicção de que " o ser portugueses é o mesmo que ser missionários, o mesmo que ser apóstolos," deixando assim vislumbrar que , para eles, a gesta portuguesa no oriente tinha sido inspirada não tanto por um impulso de conquistar e colonizar , como se diria hoje, mas pelo zelo missionário. Nos séculos XVII e XVIII a Igreja era de facto " a força social mais culta da época". Sendo "a única classe detentora de cultura," ela tinha em si a virtualidade de um catalisador" capaz , por isso , de acelerar essa peculiar simbiose luso-indiana" (39).

Nos séculos XIX e XX

" À entrada do século XIX, o ensino primário voltara a limitar-se às escolas paroquiais e o secundário aos dois seminários e estabelecimentos congreganistas" (40). "A língua portuguesa não era vulgar" em Goa, "havendo apenas dois ou tres habitantes entre cem habitantes que a falam" (41).

Após a proclamação do regime constitucional em 1822, a educação e o ensino tiveram grandes melhorias. O programa das matérias ao nível primário e secundário foi reestruturado. Fundaram-se escolas de comarca --- três para cada uma das comarcas das Ilhas, Salsete e Bardez . A *Academia Militar de Goa* fundada em 1817 foi convertida em Escola Matemática e Militar. A acção desta Escola "na cultura mental foi brilhante e fecunda" e "por lá passaram algumas das celebrações mais pujantes do país" (42).

(38) Sebastião do Rego, *Vida do Venerável Pe. José Vás*, Goa 1962, pag. 138 e seg.
Costa Nunes, Manuel da, *Documentação para a História da Congregação Oratório da Santa Cruz dos Milagres do Clero Natural de Goa*, Centro de Estudos Históricos Ultramarinos, Lisboa, 1966.

(39) Devi- Seabra , *op.cit.* , pag. 113

(40) Menezes Bragança, *op. cit.*, pag. 77

(41) Ofício datado de 27 de Fevereiro de 1829, que D. Manuel de Portugal e Castro escreveu ao Governo de Lisboa.

(42) Menezes Bragança *op.cit.*, pag. 131

Foi durante a época constitucional que muitos goeses cristãos foram para a Metrópole e ali se instruíram e se educaram, "fazendo rebrilhar a sua inteligência, as suas qualidades de carácter, as suas faculdades de trabalho" (43).

Em 1842 foi criada a *Escola Médico-Cirúrgica*. Foram esta e a anterior duas Instituições que "marcaram na história do ensino público na Índia uma fase de grande lustre". Elas são um "testemunho irrefragável" de que a acção colonizadora de Portugal "não descurou de aproveitar as superiores aptidões mentais dum povo colonial" (44).

Em 1854 foi fundada a *Escola Normal* bem como o *Liceu Nacional de Nova Goa*. Os estudos dos seminários que até os fins do século XVIII tinham desempenhado um papel preponderante na formação dos clérigos bem como de muitos leigos, foram remodelados em 1845 e 1863 pelos prelados com aprovação do governo. "O decreto de 1881 suprimia o Seminário de Rachol e criava dois seminários-liceus. Um deles seria estabelecido no edifício do Seminário de Rachol que o mesmo decreto extinguiu e o outro em Bardez", nomeadamente, em Guirim. (45).

O curso destes seminários-liceus eram de quatro anos, compreendendo as disciplinas de português, latim e latinidade, inglês, francês, matemáticas elementares, noções gerais de ciências físico-químicas, noções gerais de biologia, psicologia e moral, geografia e etnologia geral, história, noções gerais de economia política e de comércio, geografia e história nacional e noções gerais de direito e administração portuguesa, higiene geral e colonial, literatura e oratória sagrada, desenho.

"Com o fim de educar o gosto artístico dos alunos", havia um curso facultativo de música e órgão e outros instrumentos e breves noções de música religiosa (46). Embora a autoridade eclesiástica não tivesse deixado que o mesmo decreto de 11 de Agosto de 1881 do Sr. Júlio de Vilhena, ao tempo ministro do Ultramar, (que criou os seminários-liceus e o seu curso) se cumprisse cabalmente, não seria errado presumir que foi a partir dessa altura que a formação dos seminários começou a ter uma

(43) Noronha, António de, *op. cit.*, pag. 351

(44) Menezes Bragança, *op. cit.*, pag. 131.

(45) Menezes Bragança, *op. cit.*, pag. 91

(46) *Ibidem*, pag. 91 - 92

orientação humanístico-artística. Acrescente-se, a propósito, que o ensino teológico não fazia parte do curso de que acabámos de falar.

"No ano lectivo de 1869-1870, havia 112 escolas do ensino primário, sendo 37 oficiais e 75 escolas paroquiais. Desta cifra total só 16 pertenciam à região das Novas Conquistas a qual abrange uma área três vezes e meia mais extensa que a das Velhas Conquistas e compreende cerca de metade da população de Goa, sendo constituída na sua máxima parte por hindus.

A frequência escolar do ensino primário, no referido ano fora de 5.819 alunos do sexo masculino e 305 do sexo feminino, ou sejam 6.124 alunos por uma população total de cerca de 385 mil habitantes, se merece fé o censo de 1870.

A Escola Normal fora frequentada por 17 alunos. O ensino secundário registara uma frequência global de 2.092 estudantes, distribuídos pela maneira seguinte: Liceu Nacional 333; escolas do ensino secundário oficial, 445; Seminário de Rachol, 200; e o ensino livre, 1114" (47).

Segundo o censo de 1910, a percentagem dos que sabiam ler e escrever sobre um total da população capaz de instrução (455.976 habitantes) era de 14.5 Confrontando a Índia Portuguesa com o vizinho Império Britânico a condição da educação e ensino era muito lisongeira para Goa, pois a percentagem lá era de 5.9 % (48).

No censo da Índia Britânica de que o Sr Plowden fez um relatório em 1884, verifica-se que o inglês era falado como uma língua da terra por 202.920 pessoas e o português por 10.523. Dentre estes, somente 147 eram nascidos em Portugal e dos primeiros não mais de 150. mil eram ingleses (49).

O advento da República em 1910 marcou uma nova fase de desenvolvimento do ensino em Goa. Criaram-se vinte escolas primárias de português nas Novas Conquistas,

(47) *Ibidem*, pag. 92 - 93

(48) *Ibidem*, pag. 169

(49) "One of the most interesting chapters in Mr. Plowden's able report on the Census of British India is that relating to the statistics of language. From this we find that English is spoken as their native language by 202.920 persons, and Portuguese by 10.523. Of the latter, however, only 147 were born in Portugal and the former Mr. Plowden says it is believed that not more than 150 000 are pure British", in *The Times of India*, Sunday, April 29, 1984, A hundred years ago.

uma escola de marata em Sanquelim, uma de guzerate em Nagar-Aveli, mais escolas nas Velha Conquistas.

A Escola Normal que estava fechada a quem não professasse a religião do Estado, tornou-se acessível a todos. Criaram-se dois liceus municipais, um em Margão e outro em Mapuça, e no Liceu Nacional de Nova Goa foi criada uma cadeira de língua e literatura sânscrita.

O ensino médico e farmacêutico foram também melhorados. Miguel Caetano Dias que foi lente e director da Escola Médica, num officio que enviava ao Ministério das Colónias, em 1912, referia-se aos "relevantes serviços" que esta Escola prestava desde a sua fundação, bem como a "tantíssimos feitos que no oriente encheram de pasmo e glória o nome português, para o seu engrandecimento, difundindo a civilização, a língua pátria e os usos e costumes lusitanos não só no vastíssimo império britânico, mas também nas colónias da África, nacionais e estrangeiras". (50).

Por toda a sua existência "a sua actividade foi e é tão fecunda que ela representa verdadeiro viveiro onde se forma a elite indo-portuguesa" (51). A Escola Médica era "para o indo-português... o primeiro estádio de cultura intelectual". A ciência médica e a cultura humanística iam de mãos dadas. O facto de os compêndios adoptados em 1873 serem todos em francês (52) forçava ou convidava muitos dos alunos a darem-se ao estudo dos clássicos franceses. Sendo "quase proverbial o decidido pendor do indo-português para as lutas do pensamento, a sua longa ancestralidade especulativa" vinha encontrar na Escola Médica um instituto que satisfazia as suas "aspirações intelectuais" e "a tendência irresistível para o saber" (53).

(50) Pacheco de Figueiredo, J. M., *Escola Médico - Cirúrgica de Goa. Esboço Histórico*, separata de Arquivos da Escola Médica de Goa, No 37, 1960. pag. 45 - 46.

(51) Pacheco de Figueiredo J.M., Discurso de 30 de Dez 1958

(52) Pacheco de Figueiredo, J. M., *Escola Médico - Cirúrgica de Goa. Esboço Histórico*, pag. 31.

(53) Menezes Bragança, "A Escola Médica de Goa" em *O Debate* de 4 de Março de 1912

Como quer que se julguem os méritos e os deméritos, as limitações e os aspectos positivos da educação e do ensino em Goa, desde a conquista pelos Portugueses em 1510 até meados do século XX, a verdade é que a qualidade e o requinte dessa educação se pode avaliar pela qualidade do produto, i.é, dos homens que formaram a sociedade do tempo.

Se os séculos XVI, XVII e mesmo a maior parte do século XVIII se caracterizaram por uma certa estagnação cultural, o facto é que já nos séculos XVII e XVIII um sector, ainda que muito pequeno, da população de Goa adquirira uma boa medida de proficiência na língua portuguesa ao ponto de poder escrever, com correcção e estilo, sobre assuntos de ordem social, ou de história, ou de religião. Esse sector era, como vimos acima, constituído, na sua maioria, por sacerdotes. " Não devemos esquecer que nesta época, em Goa, os sacerdotes eram, da população autóctone, a camada mais bem preparada intelectualmente, e quase os únicos verdadeiramente assimilados à cultura ocidental. O restante da população, ainda quando convertida, mantinha-se fiel ao modo da vida indiano " (54).

Alguns anos mais tarde houve outros que pela educação e instrução recebida em Goa e, eventualmente, no estrangeiro marcaram na vida social (55). Sem dúvida, estes

(54) Devi - Seabra, *op. cit.*, pag. 119

(55) Para citar uns poucos: padre Baltazar Fernandes (cfr. Album Literário, 1875) . José António Pinto de Candolim que em Roma fez seus estudos das humanidades e das ciências matemáticas (cfr. *Noção de alguns filhos distintos da Índia Portuguesa*, por Miguel Vicente de Abreu, Nova Goa 1874). O deão Paulo António Dias da Conceição (1769 - 1853), um produto do Seminário de Rachol que, embora vindo de uma família humilde, chegou a ser Desembargador da Relação Eclesiástica, Presidente da Assembleia Provincial para a eleição de deputados em 1821 (cfr. J. Gonçalves, *Ilustração Goana*, Abril, 1865). Pedro António Ribeiro de Pilerne que no " seminário de Chorão, dirigido pelos italianos ganhou as primeiras ideias, bebeu as severas máximas que eles imbutiam em todos que eram cometidos ao seu desvelo". Padre Cosme Camilo Valeriano (1770 - 1854) que foi desembargador da Relação Eclesiástica (*Ilustração Goana/ Abril 1865*); Bernardo Peres de Silva (1775 - 1844) cujo " carácter severo e espírito inteligente se formou sob a influência " da disciplina do Seminário de Rachol, era formado em medicina pela Escola Médica de Nova Goa José Maria dos Remédios (1775 - 1850) um dos juristas de que se recompôs a Relação de Goa após a sua dissolução. O padre Bernardo Pereira (1778 -) de Majordá que obteve diploma para advogar no juízo e fôro eclesiástico e mereceu ser elevado a desembargador da Relação (cfr. *Album Literário*, 1875)

e muitos outros que não se mencionam aqui, pertenciam às mais altas famílias de Goa, porquanto provinham das duas castas consideradas mais altas (brâmanes e chardós) e, como tal, gozavam na sociedade, de subida consideração e prestígio próprios de uma sociedade feudal.

Eles eram " raros sóis ", " astros que, de espaço em espaço, surgissem luminosos de si mesmos, refulgissem algum tempo e, descrita a sua órbita natural passavam deixando sensíveis vestígios da sua aparição " (56).

Mas dirá alguém que o número destes " astros " era pequeno e que os seus sucessos no campo intelectual, literário, social e moral, não podem ser um indicador do nível da sociedade em que viveram. Talvez. Todavia, a história é testemunha do facto de que " o número dos homens - disse Bertrand Russel - que determinam o carácter de uma época é pequeno. Colombo, Lutero e Carlos V dominaram o século XVI.; Galileu e Descartes governaram o século XVII. Os homens importantes na época que findou são Edison, Rockefeller, Lenin e Sun-Yat-Sen ". (57). *Si parva licet magnis componere*, diríamos o mesmo da sociedade goesa nos séculos XIX e XX.

Falando da sociedade goesa e do escol dos intelectuais nela existente disse um ilustre escritor goês: " um grémio social só vale quando cria uma elite pensante e actuante, não apenas cultural e social mas ainda política e espiritual, dominando todos os campos da vida humana e revolvendo a face de cada terra. Uma elite que sacuda a apatia colectiva: buliçosa e animada, embora subordinada às injunções da verdadeira ética e a altos ideais " (58).

Estes homens ilustres de Goa formavam uma elite na sociedade em que viviam. O comum da gente, sem dúvida, olhava para eles como seus líderes sociais, intelectuais e espirituais.

A maior parte deles era formada nos seminários e colégios religiosos de Goa. Daí, vê-se que os seminários e os colégios religiosos não só davam uma preparação para o ministério sacerdotal mas criavam uma cultura geral sólida baseada nas humanidades.

(56) J. Gonçalves, *Ilustração Goana*, 1865

(57) Russell, Bertrand, "Science and Values" em *Readings for College English*, edit. by Bushman Mathews, Pag. 376.

(58) Colaço, António, *Colectânea de Escritos*, Margão 1988, pag. 95

Dado o facto de que eles dominavam perfeitamente o português podemos presumir que o veículo da instrução nos colégios e seminários era o português; ou, se era o latim, nesse caso deveria haver nesses institutos um ambiente propício para os estudantes aprenderem e dominarem a língua portuguesa.

Entretanto, os hindus de Goa estiveram culturalmente marginalizados " num regime de compressão " (59). Os cristãos tornaram-se os privilegiados que se beneficiaram de todas as facilidades que o governo proporcionava. Embora a Carta Constitucional dissesse que o hindu também era cidadão como o católico, o hindu ficou de facto preterido. Passando a ocupar as Novas Conquistas, os hindus estiveram alheados à educação europeia-cristã ministrada nas Velhas Conquistas. Eles tinham as suas escolas maratas *pathashalas* que, se não eram oficialmente reconhecidas, permaneciam, contudo, como centros de instrução e de transmissão da cultura local e ancestral de cunho sócio-religioso. O veículo da instrução era a língua marata.

Quando porém, a República acabou com o privilégio de religião do Estado, nivelando as confissões religiosas, o hindu sentiu e compreendeu que " as suas crenças não valiam por um estigma de inferioridade ". Foi então que entrou de competir nas escolas oficiais com o elemento cristão, valorizar as suas aptidões nivelando-se em cultura mental com o cristão.

A educação e a instrução portuguesa tiveram efeitos benéficos. Antes de mais, a crença na hierarquia das castas, prevalente ainda na sociedade cristã, ficou aluída nas suas fundações. O cristianismo prega a fraternidade dos homens em Jesus Cristo. Os governantes portugueses nunca fizeram qualquer discriminação ou admitiram qualquer inferioridade ou superioridade dos seus cidadãos, à base da casta. Daí, hindus e cristãos, quaisquer que fossem as castas a que pertencessem, sentavam-se em bancos comuns e eram ensinados por um professor cujo mérito não estava de forma alguma relacionado com a sua casta.

(59) Menezes Bragança, *op. cit.*, pag. 206

Nestas condições vieram a esmorecer na mente dos estudantes os fortes preconceitos de superioridade e inferioridade à base da casta.

A educação e a instrução portuguesa contribuíram também para a criação duma mentalidade mais científica. Sem dúvida, havia nesta terra (e ainda há) muitas superstições e crenças populares que impedem o progresso social. A educação e a instrução portuguesa foram um factor poderoso que contribuiu para incutir na mente dos educandos que tais superstições e crenças eram simplesmente irracionais (60).

A Imprensa periódica e a Evolução do Jornalismo

Foi no ano 1556 que se estabeleceu em Goa a primeira tipografia, segundo a técnica inventada por Gutenberg. Esse foi o primeiro prelo em toda a Índia. Os pioneiros neste campo, os missionários jesuítas, tinham em mira propagar pela palavra escrita os ensinamentos da fé cristã.

Das tipografias que, posteriormente, as várias ordens religiosas de Goa estabeleceram, " saíram pela maior parte apenas cartilhas e " puranas " de doutrina cristã e compêndios da gramática da língua concani " (61). Os *Solilóquios Divinos* que datam de 1640 e a terceira edição do *Purana* de 1654 foram as últimas publicações dessas tipografias no século XVII.

Os historiadores notam um hiato em matéria de quaisquer publicações eventualmente saídas dos prelos de Goa, entre os anos de 1654 e 1657, ano em que uma ordem enviada em nome de el-rei pelo Secretário de Estado, Diogo de Mendonça Corte Real, proibiu estabelecer qualquer imprensa " não só particular mas ainda nos conventos, colégios ou qualquer outra comunidade por mais privilegiada que seja " (62).

Em 1821 a Junta Provisional mandou vir de Bombaim uma tipografia e foi desta que saiu o primeiro jornal oficial *Gazeta de Goa* que, " além de documentos oficiais,

(60) B. G. D'Souza, *Goan Society in transition*, pag. 165

(61) Cunha, António Maria da, "A Evolução do Jornalismo na Índia Portuguesa", em *A Índia Portuguesa*, Vol. 2o, Nova Goa, Imprensa Nacional, 1923, pag. 505 e seg.

(62) Cunha Rivara, *O Cronista de Tissuari*, vol 2^o - , pag. 95

inserir algumas informações da metrópole e do estrangeiro que de qualquer maneira chegassem à Índia (63). Este jornal durou até 1826. Em 1835, em virtude do choque de opiniões políticas, após a nomeação de Bernardo Peres da Silva para Prefeito da Índia, foi criada pelo governo a *Chronica Constitucional* que combatia violentamente a causa do Prefeito (que foi deposto dentro de pouco tempo) perfilhada por vários jornais portugueses em Bombaim, tais como o *Investigador Português*.

Em Damão e em Bombaim publicavam-se nessa altura alguns jornais de carácter político tais como *O Português em Damão*, o *Mensageiro Bombayense*, o *Investigador Português em Bombaim*, *Pregoeiro da Liberdade*, *O Índio Imparcial*, o *Observador* e afinal *A Abelha de Bombaim*, semanário político, literário e comercial do jornalista goês Luis Caetano de Menezes, natural de Pirna, Bardez.

Os redactores destes jornais eram na maioria europeus. Mas havia-os também naturais de Goa. Apesar das deficiências nos métodos da sua formação literária e jornalística e da aprendizagem e conhecimento da língua, eles mostraram-se " dextros na sua ilustração e no manejar da língua " (64).

A partir do ano 1839 -- ano em que saiu *A Biblioteca de Goa*, o primeiro jornal literário -- começaram a vir a lume várias publicações dedicadas às belas-letas. À *Biblioteca de Goa* seguiu-se o *Encyclopédico*, jornal mensal, sob a direcção de Cláudio Lagrange Monteiro Barbuda. Vieram depois o *Compilador* em que se reproduziam os melhores artigos do *Panorama* de Lisboa, o *Mosaico* de Manuel Joaquim da Costa Campos, a *Revista Ilustrativa*, o *Vergel*, o *Tirocínio Literário*. O papel destas publicações foi principalmente o de divulgar a cultura geral estimulando o amor das letras e iniciando os seus cultores no bom gosto, após a influência nefasta que o jornal político teve, " acirrando ódios e rancores e fomentando-os com linguagem virulenta e invectivas insolentes " (65).

De 1846 a 1848 Filipe Nery Xavier dirigiu *O Gabinete Literário das Fontainhas*. Esta revista dedicada a assuntos históricos continha artigos de valor literário. Autor de *Nobiliarquia Goana*, Filipe Nery Xavier foi uma personalidade de grande merecimento. Com a sua erudição e a sua qualidade de investigador soube despertar várias vocações para os estudos históricos.

(63) Cunha, A.M.da, *op. cit.* pag. 507

(64) Cunha, A.M.da, *op. cit.* pag. 513.

(65) *Ibidem*, pag. 511.

Na década de sessenta apareceram as revistas *A Harmonia*, o *Recreio das Damas*, *A Harpa do Mandovi*, *Goa Sociável* e a *Ilustração Goana*. Enquanto os primeiros quatro tiveram duração muito curta, *A Ilustração Goana* " foi talvez a revista literária que maior influência teve na vida cultural do país " (66). O seu director e proprietário, Luís Manuel Júlio Gonçalves, " escritor primoroso e de linguagem castiça . . . foi um dos mais distintos membros do foro goês " (67). Granjeou ele a colaboração praticamente de todos os talentos literários da época. *A Harpa de Mandovi* com o subtítulo " jornal de poesias " de que saíram apenas seis números merece uma menção não tanto pela qualidade dos poemas publicados mas pelo papel que desempenhou nesse tempo na " reabilitação da poesia na sociedade filistaica de Goa " (68).

A década de setenta viu a fundação do *Instituto Vasco da Gama* por Tomás Ribeiro, em 22 de Novembro de 1871, data em que Vasco da Gama dobrou o Cabo da Boa Esperança. Foi um marco miliário na vida cultural de Goa. J. H. da Cunha Rivara e Tomás Ribeiro que vieram à Índia como Secretários do Governo, aquele em 1855 e este em 1870, foram duas personalidades que muito contribuíram para o florescimento da história e literatura respectivamente, em Goa, no século XIX. A história sócio-cultural de Goa do século XIX não pode ser feita sem que se realce o trabalho destes dois eminentes homens de letras.

Ao afirmar no seu discurso de inauguração do Instituto Vasco da Gama que " a terra da Índia é terra para letras ", Tomás Ribeiro reconhecia que em Goa havia nessa época cultores talentosos das letras, principalmente no campo da história, religião e literatura. Havia homens notáveis do foro, políticos que se batiam vigorosamente cada qual pelas idéias políticas da época.

Pode-se dizer que a presença de Cunha Rivara e Tomás Ribeiro foi " motivo para um grande impulso no progresso literário da Índia Portuguesa, estimulando muitas vocações que, sem o seu apoio moral, continuassem porventura na obscuridade"(69).

(66) Devi - Seabra, *A Literatura Indo - Portuguesa* , pag. 143

(67) Cunha A.M. da, *op. cit.*, pag. 528

(68) Devi - Seabra, *op. cit.*, pag. 145

(69) Cunha, A.M.da, *op. cit.*, pag.529;

" O Instituto Vasco da Gama é uma escola - família, árvore que dá perenemente sombra e frutos. Venham para junto dela os homens que tiverem préstimo e os que tiverem boa vontade. A mesa eucarística está sempre à espera, o templo aberto e o altar iluminado. As mesquinhas rugem lá fora, ao longe; e as distinções sociais lá ficam também . Nesta casa de bem há a serenidade, o trabalho e o amor que envidam todas as suas forças em pró do presente , olhando para o futuro." Tomás Ribeiro, Fundador do IVG, citado em BMB,1971, N°- 90
1871 - 1971

O Instituto Vasco da Gama granjeou uma aura de prestígio e a ele pertenciam todos os valores desta terra. O seu jornal com a mesma denominação de *Instituto Vasco da Gama* foi publicado de Janeiro de 1872 a Dezembro de 1875, sob a direcção de Cunha Rivara. Nele se inseriam as Memórias lidas nas suas sessões.

Nas décadas de setenta, oitenta, e noventa publicaram-se várias revistas literárias, tais como *Álbum Literário* em 1875, sob a direcção do Pe. Narciso Arcanjo Fialho e António Felix Pereira, a *Estreia Literária* impressa na tipografia do jornal *Ultramar*, *Cavaco Instrutivo* iniciado por Joaquim Vitorino Barreto Miranda, *O Divan Literário* sob a direcção de Leopoldo Francisco da Costa o qual continha as primícias literárias da mocidade daquela época.

O espaço que decorre entre a década de quarenta e a de sessenta viu a publicação de vários almanaques, tais como o *Almanak de Goa para o Anno Bissexto de 1840* por Caetano João Peres, o *Almanach de Lembranças Luso - Indiano para o ano de 1865* coordenado por João Miguel do Rosário Gomes, Margão 1864, o *Almanach Popular*, organizado por José Pedro da Silva Campos Oliveira, Margão, o *Almanach Literário* organizado por Frederico Gonçalves de Figueiredo, o *Almanach Recreativo* organizado por José António de Menezes, Margão, o *Almanach da Mocidade* organizado por José Cristóvão Pinto, Margão 1869, 1870, o *Almanach Annuário Recreativo* organizado por Mariano José Correia da Silva, Nova - Goa 1881, 1882, o *Almanach Valmiki* coordenado por Júlio César de Noronha.

Estes almanaques, publicações geralmente anuais, foram um instrumento de cultura, uma plataforma em que os jovens que então despertavam para o mundo das letras e da cultura, ensaiavam os seus dotes literários. Embora alguns destes almanaques tivessem a colaboração de algumas personalidades literárias notáveis do tempo, tais como A. A. Bruto da Costa, J. C. Barreto Miranda, J. M. d'Abreu, M. J. da Costa Campos, Filipe Nery Xavier, Roque Correia Afonso, Cristóvão Pinto e outros, "Goa não tinha ainda um público suficiente para manter uma revista literária com relativa continuidade". O almanaque, dado o seu carácter de uma publicação que continha, por um lado, informações meteorológicas e hagiológicas e, por outro, artigos dos jovens goeses que despertavam para o mundo das letras e cultura, unia em si o útil ao agradável.

Em 1907 Ramachandra Panduronga Vaidya, "um espírito progressivo e de largo alcance de vistas" (70), lançou em Pondá a revista *Luz do Oriente* cujo prospecto foi "fornecer aos occidentais todas as noções no que diz respeito ao Oriente fazendo inteira luz sobre os seus usos e costumes"(71).

De Julho de 1913 aos últimos meses de 1914, publicou - se , sob a direcção de Paulino Dias e Adolfo Costa, a *Revista da Índia*, como suplemento literário do semanário *Boletim do Comércio*. Como suplemento literário trimensal do mesmo *Boletim do Comércio* os estudantes do Liceu Central de Nova Goa publicaram em 1919 e 1920 poucos números da *Revista Académica*.

A imprensa periódica em meados do século XIX, marcou um passo à frente no progresso literário e cultural desta terra, com a publicação de *O Ultramar*, o primeiro semanário que veio em 6 de Abril de 1859, sob a direcção de Bernardo Francisco da Costa. Dois anos mais tarde (em 1861) um outro semanário *A Índia Portuguesa* começou a ser publicado sob a responsabilidade redactorial de Manuel Lourenço de Miranda Franco. Ambos estes, publicados em tipografia própria foram os verdadeiros pioneiros da imprensa periódica em Goa e tiveram a duração, o primeiro de mais de cinquenta anos e o segundo de mais de cento e dez anos.

Ao desabrochar do século XX, assistimos a um "agigantado passo (que) deu a imprensa periódica na Índia Portuguesa"(72): a publicação, em 1900, do seu primeiro jornal diário *O Heraldo*. Fundado por Aleixo Clemente Messias Gomes foi "o primeiro cotidiano de todas as colónias portuguesas"(73).

Em 21 de Maio de 1908 António Maria da Cunha que tinha sido director de *O Heraldo* de 1902 a 1908, lançava um outro diário *Heraldo* cujo redactor efectivo era o general- médico José Maria da Costa Álvares. Este diário deixou de publicar em 1962.

Em 1 de Dezembro de 1919 apareceu o *Diário da Noite* fundado por Luís de Menezes que o dirigiu até 1950, ano em que, por motivo de doença, a sua direcção passou para António de Menezes. Este periódico, o primeiro e o único jornal da tarde,

(70) Cunha, A.M.da, *op. cit.*, pag.531

(71) *Luz do Oriente*, Nº- 1, Agosto de 1907

(72) Cunha, A.M da., *op. cit.*, pag. 521

(73) *Ibidem*

viveu até 1967.

O diário *A Vida*, fundado em 1938 por Sales da Veiga Coutinho, Pedro Correia Afonso, Francisco Correia Afonso, António Colaço, A.F. Peregrino da Costa, marcou no meio social e intelectual de Goa até 1967. Este escol de homens de letras começou, em 1925, a publicar o *Suplemento Mensal do Herald* que, em 1931, se transformou no *Herald dos Domingos*.

No decurso das primeiras cinco décadas deste século publicaram-se em Goa vários periódicos em português (74), uns, diários e outros, semanários. Mas tiveram todos eles uma existência muito efémera. A título de informação vale a pena citar uns poucos, tais como *A Era Nova*, *O Echo da Índia*, *Diário de Goa*, *Pygmeu*, *Correio da Índia*. Entretanto, Luís de Menezes Bragança (1878 - 1938), uma figura vigorosa do jornalismo goês, batia-se pelas ideias do progresso e da República no *Nacionalista* e nos semanários *O Debate* e *Pracasha*.

Os primeiros jornais, nomeadamente, os publicados na primeira metade do século XIX, foram apenas "armas de combate dos partidos ou oligarquias que se digladiavam, de retaliações políticas". O jornal foi, nessa altura, "um meio de propaganda de suas ideias ou de ataque aos seus adversários" (75).

O jornal em tipografia particular --- e este pode ser chamado o segundo período do jornalismo indo-português --- é "o divulgador de novidades, propagandista de conhecimentos úteis e, sobretudo, defensor dos interesses do povo" (76).

Com a restauração da imprensa em Setembro de 1897 que marca o terceiro período, "há uma espécie de renascença e até surge o jornal diário" (77). Este foi "uma escola de educação pública, uma valiosa força dirigente exercendo diariamente uma influência subtil mas benéfica em todas as camadas sociais" (78) pois que "sem abandonar os interesses locais mas advogando-os numa linguagem cortês e serena", dirigiu-se sempre com "a sobriedade e, sobretudo, a delicadeza da frase e a atenção

(74) Evidentemente não se citam os jornais em concanim e marata.

(75) Cunha, A.M. da, *op. cit.*, pag. 551

(76) *Ibidem*, pag. 551

(77) *Ibidem*, pag. 552

(78) *Ibidem*, pag. 552

devida aos adversários [que] não estavam nos hábitos dos leitores dos semanários (79).

Os primeiros órgãos da imprensa periódica estiveram, na maioria, nas mãos dos europeus. Mas muitos foram também dirigidos por goeses que, não obstante o facto de terem aprendido as letras em compêndios escolares " mais em latim que em português " (80), e " não terem tantos elementos como os que depois se foram sucessivamente avolumando, para mais completo conhecimento da língua " (81), contribuíram, dentro dos limitados recursos de instrução e treino profissional, a que se formasse na sociedade um sector de pessoas de cultura e erudição, espalhadas por quase todos os concelhos de Goa. Era um sinal de distinção social o saber falar a língua portuguesa. É por esta língua que facilmente se diferenciava uma pessoa ilustrada da analfabeta ou semi-instruída.

Havia também um prestígio em ser escritor. Para marcar na sociedade, o escritor goês tinha de se revelar como alguém que, dominando perfeitamente o idioma luso, se exprimia nele com primor. Era um desafio para ele. A imprensa era uma oportunidade. Daí, o escritor goês aceitou o desafio e o resultado foi que ele assimilou a língua portuguesa como se fosse a língua do seu berço, exprimiu-se nela com elegância, escreveu e espalhou as suas ideias em artigos de jornal ou em composições literárias de vários géneros (82).

Não havendo em Goa uma casa editora (83), foi graças à imprensa periódica que as produções literárias indo-portuguesas --- fruto natural de um trasbordar espontâneo das emoções --- vieram à luz da publicidade e se tornaram conhecidas no nosso meio

O viver social

Na carta - prefácio ao *Resumo da História de Goa* pelo Pe Gabriel Saldanha, Ismael Gracias considera o período do século XVIII até a primeira metade do século XIX como um período " de longa reticência " na história sócio-política de Goa (84).

(79) *Ibidem*, pag. 525

(80) *Ibidem*, pag 513

(81) *Ibidem*.

(82) Barreto Miranda, *Quadros Históricos de Goa*, Quadro XVI, " Escriutores do sec. 17 ° - e 18 ° - ", pag. 89 - 90.

(83) Havia a Casa Luso-Francesa instalada em 1900, após a qual apareceram algumas livrarias não só na capital do Estado como em outros pontos.

(84) Saldanha, Gabriel, *Resumo da História de Goa*, Bastorá Typ. Rangel, 1898, pag. VI

Dois factores, porém, contribuem para fazer sair a sociedade goesa do estado de estagnação em que se encontrava nessa altura e dar um ímpeto à participação na vida política, ao estabelecimento de uma elite social, e às conquistas no campo intelectual: a política do Marquês de Pombal e a proclamação da Carta Constitucional em 1822.

A obra do Marquês de Pombal visou à emancipação dos habitantes do Estado da Índia, igualando-os aos da metrópole em todos os direitos civis e políticos (85). " Após a consolidação do regimen constitucional na Índia, " escreve Ismael Gracias, " desponta uma nova aurora, começa um movimento civilizador, que sucessivamente alcança mais tensão até illuminar a periphéria e principiam as conquistas intellectuais "(86)

Antes de mais, foi extinto o tribunal da Inquisição em 1812. É verdade que muitos dos vereditos e decisões da Inquisição vistos à luz do desenvolvimento social e da consciência das liberdades civis, em nossos dias, seriam considerados como contrários aos direitos do homem. " Mas é compreensível tal zelo na evangelização numa época em que não se admitia a salvação das almas fora da doutrina de Cristo e a civilização se supunha necessariamente ligada à religião católica" (87).

Entretanto, se se olha hoje para a sociedade goesa sob o prisma socio-lógico(88),cumpre reconhecer que as características sociais da comunidade cristã se cristalizaram sob o signo da obra da Inquisição. De certo, as várias proibições lançadas pela Inquisição (89) visavam a que os convertidos ao Cristianismo não se sentissem tentados a se reverterem às suas prístinas crenças e religiões. As outras medidas destinavam -se a dar aos convertidos incentivos para aceitarem a fé cristã e permanecerem fiéis a ela. Assim, o decreto de 25 de Junho de 1557 do governador Francisco Barreto mandava que nenhum convertido pudesse ser deserdado em virtude da sua conversão e que os convertidos em Goa gozariam dos mesmos privilégios que

(85) Bruto da Costa, António, *Goa sob a dominação portuguesa*, Margão, Typ. Ultramar, 1897, Cap. III, Secção 7.a, " A emancipação dos índios ", pag.90-101.

(86) Saldanha, Gabriel, *op. cit.*, pag.VI.

(87) Colaço, Agostinho, " O Sistema da Colonização Portuguesa ", em *Boletim do Instituto Vasco da Gama* XLVII, 1, 1940.

(88) B. G. D'Souza, *Goan Society in Transition, A Study in Social Change*, Bombay Popular Prakashan, 1975; Camillieri, J. L., *L'acculturation des catholiques dans les Vieilles Conquêts de Goa*, tese inédita conservada no *Central Library*, Goa

(89) Priolkar A.K., *The Goa Inquisition 1961*, pag. 97 - 107

usufruíam ao tempo os reinóis.

" O ideal cristão consubstanciava então a civilização ocidental e supunha-se que a religião cristã era bastante para transformar os costumes e as idéias, identificando homens e povos de raças, costumes e religiões diferentes" (90).

Foi uma obra de séculos -- dos primeiros dois séculos e meio -- essa de transformar os costumes e as ideias dos convertidos (91). Culturalmente separados dos seus patrícios e parentes hindus (92), os neo-convertidos ficaram alheados do seu património histórico ancestral relacionado com a Índia milenária. A sua nova vivência brotou da sua relação e intercâmbio exclusivos com a civilização e cultura luso-cristã ocidental e dos " valores cristãos e europeus " transmitidos pelos missionários portugueses (93).

Ainda hoje é relativamente fácil distinguir um cristão e um hindu de Goa mesmo pela sua fisionomia e aparências externas (não se admire!), pelo seu sotaque ainda ao falar a língua da terra, o concanim, pelos padrões e categorias mentais com que cada um deles compõe, canta e aprecia a música religiosa e profana, pelos cânones da estética e bom gosto de construir e arranjar a sua casa, de se trajar, de dançar. O cristão segue, evidentemente, padrões ocidentais e o hindu, orientais.

Esta separação cultural não foi apenas um imperativo ditado pela necessidade de alimentar e sustentar a fé dos neo-convertidos e de impedir que eles se revertissem às suas religiões e crenças ancestrais. Esta era a concepção daqueles tempos em que a

(90) Colaço Agostinho, *loc. cit.*

(91) Boxer, Charles, *Fidalgos Portugueses e Bailadeiras Indianas*: "Basta recordar as injunções de tantos Concílios Eclesiásticos celebrados em Goa a começar pelo primeiro em 1567, 'contra a mística conversação dos infiéis com os fiéis', mandando e defendendo 'que nenhum fiel tenha estreita amizade e conversação com o infiel' " (O Primeiro Concílio Provincial celebrado em Goa no ano 1567, Goa, 1568) Decreto 24, 41. 13

(92) . . ."a aceitação, do fundo do coração, por estes indianos convertidos, da sua nova religião, levou algumas vezes mais tempo do que se pensa hoje em dia. Um cronista franciscano em Goa, em 1722, lembrou como durante o ataque do sultão de Bijapur a Bardez, em 1654, alguns dos cristãos locais tinham conspirado para matar os padres franciscanos da sua paróquia, e como, em outras ocasiões, tinham ajudado famílias hindus escondendo crianças órfãs que os padres queriam educar como cristãos ". (Charles Boxer, *Relações Raciais no Império Colonial Português*, pag. 82).

" Le sentiment créé par la politique d'assimilation a imprimé une marque national . . . elle n'est que le resultat d'un melange d'idees et de sentiments, d'habitudes et de coutumes.

L'Inde est le monument vivant de son (portugais) genie d'assimilation qui reussit a creer sa plus haute expression morale, la où il n'y avait aucune affinité de sang ou d'histoire " (Camilleri J. L. , *op. cit.*)

(93) Freyre, Gilberto, *O Luso e o Trópico*, Lisboa 1961, citado por Devi - Seabra, *op. cit.*, pag. 15.

inculturação da fé cristã num dado meio, assim como nos ensina o Concílio do Vaticano II, não era apreendida pelos missionários do Padroado, como uma necessidade orgânica da obra da evangelização (93a). A acrescentar a essa concepção, havia um outro factor importante da psicologia social do português, pois este, " embora de génio impulsivo, mas sempre sentimental, generoso e comunicativo não tinha relutância em conviver com os indígenas" (94). Donde, o português quis fazer os indígenas seus iguais, social e culturalmente falando.

Na sua política ultramarina, os portugueses " suggestionados pelas ideias dos romanos, procuraram incutir, por meio dos colonos nas populações dominadas, a sua língua, os seus costumes e as suas leis políticas e civis " (95).

Foi a sua especialíssima política de assimilação da civilização ocidental que se infiltrou na nossa alma (96). Não é de um momento para outro que o carácter, a constituição mental dos conquistados se transforma, por mais fascinantes que sejam as novas crenças, a nova língua, as novas instituições que se lhe dão. " Semelhante tarefa compete ao decurso de séculos que lentamente irão transformando as novas crenças, instituições e línguas de forma a adaptá-los à constituição mental dos conquistados" (97).

(93a) "A adaptação aos costumes dos povos evangelizados iniciada por Nobili e Ricci, seguida e aperfeiçoada por S. João de Brito e seus companheiros, é apresentada como uma transigência com a idolatria dos neo-conversos, e não só caluniada mas proibida severamente pelas autoridades da Igreja". (Dom José Vieira Alvernaz, "As Missões Portuguesas" em BIVG, No. 69, Dezembro de 1952, pag. 25)

(94) Colaço, Agostinho, *loc. cit.*; Noronha, António de, *loc. cit.*, pag. 351; Gracias, Amâncio, *Origens do Cristianismo na Índia*, 1903.

A este propósito vale a pena citar na íntegra o testemunho do Dr. António Floriano de Noronha, goês que foi presidente da Relação de Goa, sobre o temperamento português:

" Podem os ingleses forçados pelas imperiosas necessidades do tempo, outorgar a mais ampla igualdade política à Índia, mas nunca poderão libertar-se do seu próprio orgulho inato. Os *natives* serão sempre olhados por eles com sobrançeria; entre eles e os índios não poderá nunca estabelecer-se uma forte corrente de sentimentos afectivos. O inglês é frio, calculista, orgulhoso e duro. " La race anglo-saxonne, que Sir Ch. Dilke appellait *the only extirpating race*, est une race destructive: devant elle l'indigène disparaît " -- observa com razão A. Girault. Não assim o português. Este é impulsivo, mas sentimental, afectivo, generoso, comunicativo. Não tem, como o anglo-saxão, a instintiva aversão pelos homens da cor (a qual ele faz estender aos próprios meridianos da Europa continental) e, ao contrário, com eles convive largamente, com eles se irmana com facilidade ".

" A raça portuguesa é tida e havida como uma das que facilmente se aclimam, das que mais facilmente fraternizam com as raças indígenas qualquer que seja a sua procedência. Na África, na Ásia, na América, na Oceânia, o cruzamento se efectua sem obstáculo " *apud* Sousa Viterbo, *Os Portugueses e o Gentio* (Coimbra 1896) pag. 6, da Separata do Instituto, vol. XLIII.

(95) Colaço, Agostinho, *loc. cit.*,

(96) Colaço, Agostinho, "A nossa evolução social e económica", BIVG, XLI, 5

(97) Colaço, Agostinho, "O Sistema da Colonização Portuguesa".

Não cabe, no limitado âmbito deste subcapítulo, o esboço sequer de todas as medidas legais e sociais tomadas pelos governantes portugueses para dar à sociedade do seu tempo um novo rumo para a sua " transformação qualitativa " (98). Logo nos primeiros anos da conquista, Albuquerque deu um grande passo quando aboliu o *Sati* (99), o costume bárbaro de a viúva hindu se lançar na pira funerária do seu marido, (que no resto da Índia foi proibido pelos ingleses só no século XIX). Uma outra medida de Albuquerque, digna de encómio, foi a sua política de conciliação promovida por laços matrimoniais entre vencedores e vencidos(100). Queríamos, em síntese, realçar que todo o sistema português -- legislativo, político, judicial e social -- fez da nossa, uma sociedade igualitária (101).

Os séculos XVII e XVIII em Goa --- escreve A. Correia Fernandes --- caracterizaram-se pela " vulgarização da cultura ocidental nas camadas superiores da população goesa. É desde o meado do último século que a dominação portuguesa exerce uma acção mais ampla no nosso organismo". Correia Fernandes destaca dois aspectos desta acção , a saber, a difusão da cultura com a organização do ensino a todos os níveis e o tipo da vida cultural e social proveniente "duma civilização comercial e industrial, fruto da emigração " (102).

O douto professor Correia Fernandes coloca na sua devida perspectiva este processo da assimilação da civilização ocidental e os seus efeitos. Eis as suas palavras: "Na Índia a assimilação da civilização ocidental limitou-se apenas a determinados aspectos da nossa vida . . . Na Índia Portuguesa, a nossa cultura e civilização, embora notáveis, e a nossa ideia de progresso não tiveram nem a profundidade nem a extensão que distinguem as concepções contemporâneas do progresso. Era natural. Os nossos melhores escritores políticos e pensadores contentam-se com aqueles aspectos da

(98) Veja-se B.G. D'Souza ., *op. cit.*, p. 342 - 351

(99) C.R. Boxer, " Golden Goa 1510 - 1954 " , em *History Today*, v. 4 (11) November pag. 754 - 63, Ripon College Library: " e como Afonso Dalboquerque tomou o Reyno de Goa não consentiu que dali por diante se queirmasse mais nenhuma mulher: e . . . elas folgaram com a vida e diziam grandes bens dele por lhes mandar que se não queimassem" Albuquerque , Braz de, *Commentários de Afonso dAlboquerque* (Lisboa, 1774) vol 2, pag.16.

(100) Correia, Germano, *História da Colonização Portuguesa na Índia*, cap. VI "Colonização da Índia (Berço de Goa)", pag. 365 e seg.

(101) B.G. D'Souza, *op.cit.*, pag. 344.

A este propósito vale a pena citar o seguinte: "Thanks to the Uniform Civil Code in force in Goa as a Portuguese legacy, there has been not a single case of bride burning or dowry death in the State. In contrast, the neighbouring Maharashtra has the dubious distinction of having the third highest number of dowry deaths . . . Goa also has a distinction of not a single bride committing suicide. . ." em *The Navhind Times*, 20/3/1988, from a Special Correspondent in New Delhi).

(102) Correia Fernandes, Avertano, "A nossa evolução social e económica" em BIVG, XLI, 5.

civilização que , em grande parte, provaram exóticos na Índia. A mera assimilação parcial, a mania de cega imitação, o desprezo pelas qualidades, virtudes e conquistas intelectuais propriamente nossos, da nossa história,, da nossa antiga evolução da Índia, produziram esse resultado, consolador em um sentido, tragi-cómico e desastrado noutra, de um povo não possuir nem rumo nem fundo para a sua vida social e económica. Não desconheço os benefícios, as conquistas, os progressos aos quais nós, habitantes de Goa , não fomos estranhos. Foi essa assimilação que facilitou a emigração, elevou muito o nível da nossa vida, deu-nos uma situação vantajosa"(103)

Dissemos noutra lugar que o sociólogo brasileiro Gilberto Freyre chamou civilização luso - tropical a simbiose da cultura portuguesa com as culturas das regiões tropicais. Segundo ele, Goa e o Brasil são dois exemplos muito característicos.

A civilização luso-tropical em Goa é uma ilustração daquilo que os sociólogos da tradição anglo-americana chamam aculturação (104). Redfield define aculturação como " um processo que abrange esses fenómenos que resultam quando grupos de indivíduos com culturas diferentes, vêm em contacto contínuo, em primeira mão, do qual advêm posteriormente mudanças nas formas culturais originais de qualquer um dos grupos ou de ambos " (105).

A chave para a compreensão deste processo sociológico, assim como ele teve lugar em Goa, acha-se na atitude básica do lusitano definida por Gilberto Freyre: ele fixou--se nesta região como em terra " digna do seu intenso amor e não apenas do seu interesse económico " (106). Por outro lado, identificando-se sociologicamente com o cristianismo, o português considerou como membro da sua família cultural qualquer pessoa da sua terra conquistada que abraçasse o cristianismo e, cõnscia ou incõnsциamente, instituiu na alma do cristão de Goa um certo " desprezo pelo pagão e ódio ao genio"(107). Esse cristão, qualquer que fosse a sua raça ou a sua casta ou a sua cor, em virtude da sua conversão, ficava elevado à posição cívica e social de português.

(103) *Ibidem*.

(104) Camilleri J. L., *op. cit.*; *International Encyclopedia of the Social Sciences*, David L. Sills editor, Macmillan Co., 1972, vol I, art. "Acculturation", pag. 22.

"A process which comprehends those phenomena which result when groups of individuals having different cultures come into continuous first-hand contact with subsequent changes in the original cultural patterns of either or both group". Redfield et al. 1935, *Outline for the Study of Acculturation*

Broom and Selznik, *Sociology, a text with adapted readings*, 5th ed., New York, 1973

(105) Young K, *Sociology, a study of Society and Culture*

(106) Freyre, Gilberto, " Integração portuguesa nos trópicos", em *Estudos de Ciências Políticas e Sociais VI*, Ministério do Ultramar, Junta das Investigações do Ultramar, pag. 45.

(107) Noronha, António de, *loc. cit.*, pag. 336

" A sociedade europeia recebia no seu grémio os novos convertidos, para os dignificar perante os seus parentes pagãos, e assim incutia neles hábitos ocidentais na sua vida e no seu traje e apresentação. Uma das coisas que os (naturais) espanta é verem a estes brâmanes honrados, parentes seus, que são já cristãos, que ontem andavam como eles embrulhados em um lençol branco com uma touca na cabeça e umas alpareatas nos pés, vê-los daí a dois dias em um ginete muito fermoso (sic), de esporas douradas, com seus escravos diante e detrás de si, passeando pela cidade com fidalgos e capitães, tão portugueses e apontados no primor e polícia, como se toda a sua vida foram (sic) criados na corte, porque todos os que têm possibilidades para isso, segundo suas ' calidades ', se prezam muito de se tratarem bem, por ser essa uma das nações [castas] mais cheias de pontos de honra que há no mundo" (108).

(108) Carta da Irmão Luis Frois, de 24 de Novembro de 1559, citada por Mariano Saldanha em *A Lusitanização de Goa*. Goa 1947.

Parece ter havido um erro da parte de Mariano Saldanha na data da carta. A carta do Irmão Luis Frois a que ele se refere é a de 13 de Novembro de 1560

Documenta Indica IV 1557 - 1560 editit Joseph Wicki S.J., Romae 1956:

Fr. L. Frois S.I. Ex Comm. Sociais , Lusitanis Goa, 13 Novembris 1560

11. linha 675: "*Nem são estes bramenes que se tratem menos disto, antes o mocadão dos ourivez, de que o anno passado lhe escrevy, que não hé dos avalisados, anda por esta cidade em hum ginete de cento e cinquenta cruzados, muyto lustroso e limpo e por sua casa trás loba sem mangas, e chamalote verde sem agoas, gorra com carapuça de linho debaixo, cchinelas amarelas, e muytas cadeiras d'espaldas por derredor da casa para imitar o estilo da fidalguia, pola afeição que todos estes tem à honra; e desta maneira se tratão todos os que para isso tem possibilidade.*"

Em apoio do nosso ponto de vista, nomeadamente, de que a conversão ao cristianismo significava elevação à posição cívica e portuguesa, damos a seguir mais dois trechos dessa mesma carta que ilustram a munificência do Viso-Rei e a importância que ele ligava aos baptismos.

pag. 664 - 665, linha 729, : 13. "*A dous dias de Julho, dia da Visitação de Santa Isabel , bautizou o Padre Josepho Ribeiro hum dos principais bramenes desta terra com sua mulher, em a Misericordia desta cidade. Foi o Viso-Rei laa ser seu padrinho, por este bramene sendo gentio servir a mesma casa da Misericordia, solicitando-lhe suas cousas e escrevendo-lhe seus papeis com tanto credito e authoridade como se fora hum dos Irmãos da mensa. Dezia este, depois de christão, que duas cousas em particular forão causa da sua conversão : a primeira ver as obras da charidade que os christãos entre si tratavão com tanto amor e diligentia, a 2. ler por nossos livros espirituais e doutrinas da fee, sendo gentio, porque dellas collegio a verdade e limpeza da religião christãa e as ignorancias e falsidades em que a gentilidade vivia enganada*".

pag. 665 linha 742, :14. "*Aos 15 dias de Julho se fez outro bautismo neste collegio..... Acertou d'estar neste bautismo hum homem antre muytos outros, que tinha hum grande fardo de roupa sua e de seus filhinhos debaixo do braço e, porque as cerimonia do bautismo durão grande espaço pola gente ser muyta, quesera elle descarregar-sse; e olhando por toda a igreja, vendo de huma parte muitos fidalgos e o Viso-Rey com a Padre Patriarcha assentados junto da pia de bautizar e da outra as ordens dos caticuminos que estavam que polo meio da igreja em pee, e não lhe parecendo que poderia ter mais cegura a carga de seus vestidos e roupa suja que na mão do Viso-Rei, chega -sse a elle e entrega-lhe o fardo, pondo-o na alcatifa junto de seus peis, dizendo-lhe que lho gardasse até se acabar de bautizar, ho que o Viso-Rey fez de mui boa vontade e com grande alegria. Dahi a hum pedaço vendo hum homem portuguez o fardo da roupa suja que estava diante do Viso-Rey a seus peis e não sabendo o que tinha precedido, foi para o tirar e pôr em outra parte. Disse-lhe o Viso-Rey que o deixzdde estar porque o estave aly gardando a hum daqueles homenes que ali estão para se bautizar por lho deixar ali em guarda, de que muyto se edificarão os circumstantes vendo sua magnificência para com os christãos.*"

O convertido ao cristianismo sentiu nas fibras íntimas do seu ser social a elevação que o português da metrópole lhe reconhecia e procurou identificar-se plenamente com ele (109).

Dada a tendência humana geral de estar de boas graças com a Ordem Estabelecida, de estar bem com os que estão no poder, agradando-os, e mesmo lisonjeando-os e fazendo-lhes todas as vontades, compreende-se facilmente como uma classe considerável de goeses cristãos estava à vontade com o português da Metrópole e se sentia "tão português como os melhores da Metrópole" (110).

O historiador inglês, Charles Boxer (111), tentando demonstrar não ser correcta "a alegação tantas vezes feita por, ou, em apoio dos portugueses de que eles jamais tiveram a menor ideia de superioridade racial ou de discriminação contra os povos submetidos", traz à luz alguns factos do comportamento social das autoridades civis e religiosas portuguesas na Índia. Diz ele que "todas as ordens religiosas recusaram admitir" os indianos e mistos nas suas fileiras, pelos fins do século XVI. "Mantiveram a sua recusa por mais de um século e mesmo quando começaram a admitir alguns poucos japoneses e chineses mantiveram a recusa para os indianos e mestiços".

Boxer refere-se ao facto de que Mattheus de Castro, um brâmane da ilha de Divar, tendo sido ordenado bispo de Chrysopolis *in partibus infidelium* sob a jurisdição da Congregação de Propaganda Fide, tomado de sentimentos anti-portugueses, conspirou contra a soberania portuguesa, instigando o sultão de Bijapur a invadir Goa.

Em apoio da sua tese, Boxer cita os testemunhos dos governantes portugueses, tais como o seguinte trecho da informação do Conde de Sandomil ao seu real senhor: "A diferença que existe entre os nativos deste país e os vassallos de V. M. que vêm de

(109) "One of the principal difficulties with which the Portuguese (and other) missionaries had to contend was the suspicion of Asian rulers that those of their subjects who accepted Christianity became more closely identified with the European intruders than with the land of their birth. This was to some extent unavoidable particularly in India where the high-caste convert from Hinduism automatically became an "untouchable" and so was compelled to rely on his European co-religionists for protection and support", C.R. Boxer, "Golden Goa 1515 - 1954" em *History Today* v 4/11 November pag. 754 - 63, Ripon College Library.

(110) "A expressão de um hindu de Goa - "o Hindu faz da casa o seu mundo, o Cristão faz do mundo a sua casa"--- sintetiza bem a disparidade dos dois pontos de vista", Raquel Soeiro de Brito, *Goa e as Praças do Norte*, Junta de Investigações do Ultramar, Lisboa, 1966.

(111) C. Boxer, *Relações Raciais no Império colonial Português 1415 - 1825*, Edições Apontamento, Porto, 1972 Título Original: *Race Relations in the Portuguese Colonial Empire*, Oxford University Press, 1963, Trad. de Sebastião Brás.

Portugal e que são daí nativos, é óbvia; e ela é tão conhecida que quando para a Inquisição desta cidade foi nomeado um padre secular hindu chamado Lucas de Lima, homem de grande reputação de saber e comportamento, os ministros da dita Inquisição não o teriam admitido . . . " e a passagem dum carta de Antonio Mello e Castro escrita em 1664: " a nossa decadência nestas partes é inteiramente devida ao facto de tratarmos os nativos como se fossem escravos e pior que se fôssemos mouros " (112).

Mais adiante escreve o distinto orientalista que " no mesmo ano (1715) a coroa informou o vice-rei Conde de Ericeira que, ao preencher postos militares ou de governo deveria " attendendo muito a que os Canarins não sejam antepostos, nem igualados por algum modo aos Portugueses, porque assim convem a meu serviço, e authority e respeito da Nação, e do contrário me darei por muito mal servido " (113).

Simultâneamente porém, Charles Boxer reconhece que " a política da Coroa Portuguesa relativamente à barreira da cor no *Estado da Índia* nem sempre foi clara e consistente, mas, no conjunto, os reis portugueses seguiram o princípio de que a religião e não a cor deveria ser o critério para a cidadania portuguesa e que todos os convertidos asiáticos ao cristianismo deveriam ser tratados como iguais dos seus correligionários portugueses " (114).

Há um facto que o referido historiador traz à luz, nomeadamente " durante as invasões maratas de Bardez e Salsete, em 1739 - 40, foram feitas alegações semelhantes, segundo as quais os cristãos nativos, apoiaram secretamente os invasores mas de facto permaneceram leais aos portugueses, e o grosso do dinheiro de resgate, que foi pago para impedir que os maratas vitoriosos ocupassem a própria Goa, foi dado por cristãos indianos e vassallos hindus da Corôa Portuguesa ". À descrição deste facto, Boxer apõe a seguinte nota: " a maior parte do dinheiro foi conseguida através de empréstimos compulsórios sobre a secção hindu da comunidade, mas isto não parece ter afectado a sua lealdade à Corôa Portuguesa " (115).

Não obstante sofrerem discriminação da parte das autoridades tanto civis como

(112) Vice - Rei , Conde de Sandomil à Coroa, Goa, 24 de Jan. de 1736, apud J. H. Cunha Rivara, *Archivo Portugês Oriental*, Tomo VI, pag. 440-442.

(113) Coroa ao vice - rei, 19 de Fev de 1718, em *Archivo Portugês Oriental*, VI, 1876, pag. 102. A este proposito, Priolkar, A.K., *The Goa Inquisition*, Bombay ; 1961, particularmenteo artigo no capitulo VIII, " Racial discrimination between the Indian Christians and the Portuguese", pag. 143.

(114) C. Boxer, *op. cit.*, pag. 70 - 71

(115) *Ibidem*, pag. 83

eclesiásticas, cristãos e hindús viveram como cidadãos leais da Coroa portuguesa.

A política oficial do governo da Métrópole , tal qual foi delineada na lei de 2 de Abril de 1761 e nas Instruções de 10 de Fevereiro de 1774 do Marquês de Pombal ao Governador da Índia bem como ao Arcebispo de Goa (116) visava a extirpar qualquer género de " dissinção entre Reínóis e Naturais porque o grande Afonso d'Albuquerque os deixou a todos aliados , e unidos em causa commum de consanguinidade, e interesses: Imitando nesta forma a única politica, que pode ser sólida para estabelecer e dilatar impérios; ao exemplo do que haviam obrado os romanos; que assim se fizeram senhores da Europa inteira, e propagaram o seu gentilismo em todas as terras por eles dominadas: Por ser um princípio certo, que dictou a razão e tem confirmado todas as experiências, que a religião dominante absorve dentro em pouco tempo todos os outros cultos religiosos dos paizes por ella dominados" (117).

Todavia, não se pode negar que, enquanto a política oficial era digna dos maiores encómios, na realidade, havia discriminações sociais nas esferas tanto civil como eclesiástica. Foi por isso que o mesmo Marquês de Pombal determinou que o governador deveria " dispor as coisas da (sic) tal sorte, que o domínio útil das terras; os ministérios sagrados das parochias, e missões; o exercício dos empregos políticos; e até dos postos militares se confirmam na maior parte, ou a naturaes da terra, ou a filhos, e netos destes; posto que sejam na côr mais brancos ou mais escuros: Porque além de serem todos igualmente vassallos de S. Magestade, assim é conforme ao direito divino, natural e das gentes". . . (118).

A fim de que as suas Instruções se cumprissem rigorosamente, o Marquês de Pombal mandou que o Governador castigasse " com severidade inflexível todas as pessoas que, contra o dictame das máximas acima referidas, ou notarem os naturaes da Índia com os epítetos de *Negros*, *Mestiços* e outros semelhantes; ou os inhabilitarem para quaesquer autos ou empregos nobres, ou ainda civis com aquelles ridículos pretextos: Prendendo e castigando logo immediatamente os que forem seculares: E fazendo transportar a este reino pelos primeiros navios, que partirem, os transgressores do foro eclesiástico, sem remissão alguma" (119).

(116) Costa, A.A. Bruto da . *Goa sob a Dominação Portuguesa*, Margão, 1897 pag. 86 - 101

(117) "Instruções ao governador N°- 4°- ", em Costa, A. A. Bruto da, *op. cit* , seção 7a ,pag.91 e seguintes

(118) "Instruções ao governador, N°-7°", *ibidem*

(119) *Ibidem*, "Instruções, n°- 8"

Nas Instruções ao Arcebispo de Goa, Pombal exproibiu-lhe a sua " paixão e má vontade que o reverendo arcebispo tem aos suplicantes" (120) e mandou que no preenchimento das vagas dos cargos eclesiásticos, o arcebispo evitasse toda a sorte de discriminações contra "ecclesiásticos seculares, naturaes de Goa, Salsete, Bardez, ilhas adjacentes e províncias do norte",

Distinções e discriminações existiam em Goa ainda nos inícios do século XIX e disso nos fala o primoroso historiador goês Jacinto Caetano Barreto Miranda, ao falar dos condições sócio-políticas nesta terra, imediatamente antes de a Constituição ser proclamada em Goa em 1821 (121).

Entretanto, ao apresentar uma história do jornalismo em Goa, continua o mesmo historiador: " as distintas famílias de Goa " que, já nos inícios do século passado, tinham fixado a sua residência em Bombaim, " honravam-se de serem portuguesas no respeito aos reis fidelíssimos e nos interesses do povo português ". A publicação duma folha em Bombaim, nomeadamente do *Pregoeiro*, era uma necessidade para os goeses dessa cidade que " no viver inglês " tinham "o sentir e o crer português " (122). A este jornal de efémera duração, sucedeu a *Abelha de Bombaim*.

A aculturação do goês foi fruto de vários séculos, e teve uma história acidentada com respeito às relações entre ele, o goês, e o português da metrópole, caracterizada ora pela discriminação social, ora pela irmandade e igualdade social, ora pelo tratamento de súbdito inferior, ora pela honra de concidadão da mesma pátria.

A literatura é-nos testemunha de como o escritor indo-português , particularmente o poeta, nesses momentos etéreos em que emoções poderosas trasbordam espontâneamente, se revela como um lírico em perfeita sintonia com a maneira de ser, pensar e sentir de um português. Assim por exemplo:

*Lindo Portugal à beira-mar poisado,
Luzitania, terra de bom sol fagueiro,*

(120) *Instruções ao Arcebispo* Nº-2

(121) Barreto Miranda, J.C. *Quadros Históricos de Goa*, Setembro de 1863, Caderneta 3a, Quadro XXV, pag. 78.

(122) *Ibidem.*, Caderneta 2a Quadro XVII, pag. 107.

*De Linda Ignez, onde se canta o fado,
Terra de Camões, terra do Desejado,
De Soror Mariana e Bernardim Ribeiro!*

e simultâneamente

*Eis a pátria minha, meu paiz natal,
Eis a India bella de moiras e fadas,
Terra bem mais rica do que Portugal,
Fantástica ilha em lagos de cristal,
com lindas paisagens feitas d'esmeraldas!*

*Terra de Manu, da bella Xacuntala,
Do grande Valmiki e o doce Visuacarma*

(Mariano Gracias, em *Regresso ao lar*, 1906)

França e Portugal

*Victor Hugo disse um dia
Que na França residia
Do Mundo a cerebração!
Foi um dito bem profundo:
-- França, o cérebro do Mundo
Portugal, o coração*

(Mariano Gracias, em *A Bíblia do Amor*, Lisboa, 1913, pag. 33)

Portugal

*Foi numa noite calma e misteriosa.
.....
Por acaso, na praia solitária
Onde está a fortaleza " Gaspar Dias"
.....
Eu escutava o rio socegado*

*Carpindo soluçante, nas areias,
Saudades do fortim desmoronado*

.....
De repente, talvez visão ou sonho

Um vulto, da tristeza das colinas

.....
Figurou-se-me ver sobre as ruínas

.....
*Assim falou na praia silenciosa
Aquele estranha e pálida figura:
"Albuquerque, Cabrais, Almeidas, Castros,
Valentes companheiros meus antigos,*

.....
*Vinde ver este desolado espectro
Vós que me destes um lugar na História,*

.....
*Eu tenho nove séculos na História.
Foi lá nos campos épicos de Ourique
Em feitos que não varrem da memória
Que firmou meu pendão o Grande Henrique.*

*Minha bandeira tremulou nos fortes
Das praias de Africa e orientais palmares,*

.....
*Essa visão do Velho Portugal
Fugira do mirante abandonado
Ao ver a madrugada triunfal
Tingir de luz o céu avermelhado*

*E no horizonte em sangue, luz e rosa,
Surgiu dum Novo Portugal a imagem
Numa mulher altiva e donairosa
Forte como o mar, linda como a paisagem!*

(Adolfo Costa, em *Suryanas*, Nova Goa, 1937)

É só à luz do comportamento psico-social do português nos trópicos e do homem dos trópicos nas suas relações com o português, que se pode compreender como houve em Goa um cristão convicto em quem transparecem ressaibos ou feições típicas da sua civilização hindu ancestral ou das suas estruturas sociais um pouco transformadas -- um brâmane, por exemplo, ou outra pessoa perfeitamente identificada como pertencente a uma determinada casta -- e que é, ao mesmo tempo, perfeitamente cosmopolita (123), por exemplo, comendo carne de vaca ou de porco, prática esta repugnante ao hinduísmo

Fazendo deste comportamento social o ponto de partida para uma compreensão a fundo do fenómeno da aculturação luso-indiana que teve lugar em Goa, vamos esboçar a traços largos o quadro concreto desse fenómeno.

Foi nos fins do século XVIII e princípios do século XIX que os goeses, que tinham marcado em alguma área, começaram a ser agraciados com comendas e mercês reais (124). Tal favor era um corolário prático da elevação social a que nos referimos. Foi a partir dessa altura que os católicos de Goa começaram a definir a sua identidade através do seu estilo da vida. Casas aristocráticas,-- vivendas e solares sumptuosos -- muito à maneira das dos fidalgos portugueses, começaram a ser construídas não somente nas cidades mas em várias aldeias em que viviam os que de alguma maneira se distinguiam pelos méritos da sua vida intelectual e das profissões liberais, ou pela prosperidade económica aliada à consideração social da sua casta ou ainda pelas suas relações pessoais com a elite da terra.

Foi nessas alturas -- podemos presumí-lo com segurança -- que nasceu a osmose entre os estilos português e o indiano criando " objectos de cultura próprios, luso-indianos " (125) . Por objectos de cultura referimo-nos, antes de mais, a uma arquitectura que, combinando em si elementos arquitectónicos da tradição portuguesa

(123) Camilleri, Jean-Luc, *L'Acculturation des Catholiques Dans les Vieilles Conquetes de Goa*, pag.4, 119 e segs, 397-398.

(124) Abreu, Miguel V. de, *Noção de Alguns Filhos Distintos da Índia Portuguesa*. Xavier, Filipe Nery, *Nobiliarquia Goana* "Muitos nobres orientais foram agraciados com o título de Dom fazendo-se ingressar na nobreza da metrópole. Ainda se encontram em Goa e foram alguns desses titulares descendentes dos antigos príncipes guerreiros"(M. Saldanha).

(125) Devi - Seabra, *op. cit.*, pag.18.

Cabral e Sá, Mário, " Thresholds of Leisure, Manors, Mansions, Villas", em *Goa. Cultural Patterns*, Marg Publications, Bombay, 1983 .

Pereira, José, "Houses and Mansions" em *Golden Goa*, Marg Publ., Bombay, 1980 pag.95 - 100.

Rodrigues, Lúcio, "The Euro - Indian Folklore of Goa", em BIMB, 1971 N° 96, pag. 221 -228.

com elementos e motivos indianos, nos deu edifícios característicos, religiosos e profanos, que povoam a paisagem goesa.

Em todas as aldeias das Ilhas, Bardez e Salsete construíram-se nos séc. XVI XVII e XVIII igrejas de estilo barroco e rococó com ricos motivos decorativos indianos nas fachadas, nos altares, púlpitos e imagens (126).

As casas aristocráticas são cada uma delas, dotadas de um conjunto integrado por uma sala de visitas, uma sala de jantar, quartos espaçosos de dormir. Um solar destes apresenta no exterior uma porta principal com uma série de janelas umas em ogivas, outras em rectângulos. Obra de cantaria orna o exterior das janelas e portas muito na linha do estilo português. Para não ficarem expostas ao sol ardente dos trópicos e às chuvas fortes da monção estes solares tinham bailéus, varandas e sacadas no exterior e, às mais das vezes, um saguão no interior -- elementos estes que fizeram destas mansões, casas luso-tropicais. O interior destas casas foi apetrechado com mobília de madeira lavrada. Sofás, cadeiras, poltronas, tremós, contadores, baús, mesas e mesinhas são peças do mobiliário indo-português (127).

É nas salas e salões destas vivendas que se celebravam as festas e os casamen-

(126) Azevedo, Carlos de, *Arte Cristã na Índia Portuguesa*, Lisboa 1959 .

(127) "Ora foram precisamente esses três séculos (desde a vinda de D. Fernando) os séculos áureos para o mobiliário de arte na Índia Portuguesa. Aqui também se trabalhou admiravelmente no embutido e ao torno. Os conventos opulentaram-se desse mobiliário e daqui foram para Portugal e para a Europa preciosos escritórios, papeleiras, baús, bufetes, contadores -- como foram muitos artífices aqui habilitados. Ainda há pouco os autores da preciosa obra *Mobiliário Artístico Português* acentuando que não se conhecem móveis de fabrico nacional anteriores ao último quartel do século XVI, escreviam: " Pelo que respeita à arte indo - portuguesa, o intercâmbio --- como soi dizer-se hoje em dia --- de artífices indianos e portugueses, muito principalmente durante o governo de Afonso de Albuquerque (1509 - 1515) deu em resultado a fundação de grande número de oficinas. Não só de mobiliário, mas ainda de tecidos, bordados, armaria e ourivesaria, em Goa até Malaca, compreendendo várias cidades do mesmo elemento colonial , e finalmente em Lisboa. Da aprendizagem dos artífices portugueses na Índia e da produção dos indianos na capital da metrópole, resultou esse hibridismo artístico, de que ainda hoje se conhecem muitos exemplares correndo sob a classificação histórica acima referida". (António de Noronha, *Os Nossos Interiores* , separata do Boletim do I. V. G., 1928, pags. 13 - 14).

Algumas dessas peças encontram-se no Museu Nacional de Arte Antiga, Lisboa, no Victoria and Albert Museum, Londres, no Palácio da Pena em Sintra.

tos (128). Nesses tempos não havia salas públicas e clubes (ou eram raríssimos, situados apenas em Pangim ou Margão) onde se pudesse ter uma reunião de muitas pessoas. É nesses salões domésticos que, por ocasião dos casamentos, nasceu a música caracteristicamente goesa de que o *mandó*, a *dulpoda* e o *decnni* são os espécimes mais representativos.

É nos seguintes termos que José Nicolau da Fonseca descreve à página 10 do seu livro " *An Historical and Archaeological Sketch of the City of Goa* " publicado pela primeira vez em 1878, o quadro do que se passava nestes solares: " Por ocasião dos casamentos, os cristãos da terra convidam todos os seus relacionados e amigos, ainda os que vivem nas aldeias longínquas, e continuam a festejar por dois ou três dias. Os ricos oferecem bailes e divertimentos sumptuosos e os seus irmãos menos favorecidos contentam-se com jantares caseiros mas profusos seguidos da dança folclórica da sua terra chamada *mandó* " (129).

O *mandó* e a *dulpoda* -- eis mais um elemento para avaliar a extensão e a qualidade da simbiose luso-indiana. O *mandó* com a sua melodia lânguida e sentimental como a do Fado ou Fandango lusitano (130) tem a sua estrutura musical -- a melodia e a harmonia -- moldada segundo os cânones da tradição musical ocidental . Porém, a letra é toda em concaním com muitos vocábulos portugueses intercalados nas frases.

Um outro " objecto" de cultura luso-indiano revela-se na culinária goesa. Ingredientes e condimentos indianos e a maneira ocidental de cozinhar (o uso do forno, por exemplo) contribuíram para a simbiose luso-indiana que aparece na criação de pratos variados. Nasceram assim o sarapatel, a cabidela e o chouriço feitos da carne de

(128) " Em geral, mesmo nas famílias remediadas, julga-se aqui imprescindível um salão -- para um baile que se há-de dar por ocasião do casamento do filho ou da chamada tornaboda ou volta da filha. Os outros compartimentos são sacrificados a esse salão, frio, ermo, bocejante, ansioso de uma visita, saudosos... de um espanador. (António de Noronha, *Os nossos interiores*, separata do Boletim I. V.Gama, 1928 pag. 8).

(129) "On the occasions of marriage, the native Christians invite all their relatives and friends, even those living in distant villages, and continue to feast for two or three days, the rich giving balls and sumptuous entertainments, and their less favoured brethren contenting themselves with homely but profuse dinners, followed by their country dance called *mandó*". O livro foi escrito "by the authorization of the Bombay Government in connection with the local and imperial Gazetteer". O autor era goês, "President of the Sociedade dos Amigos das Letras".

(130) Correia Afonso, Francisco, *A origem e a evolução do Mandó*, Coimbra 1933.
Pereira, José -- Martins, Michael, *Goa and its Music* BIMB 1984, Nº-144 e seguintes, pag. 75.
Lupi, Nita, *Musica e Alma Da Índia Portuguesa*, cap. I "O Mandó", A.G.U. 1956.
Mascarenhas, A., *Folclore de Goa: Dulpodam*, Lisboa, 1959.

porco (repugnante ao hindu), ricamente condimentados com pimenta, canela, cravo, vinagre (este desconhecido da tradição culinária indiana). Porém são diferentes do sarrabulho e do chouriço portugueses feitos também de porco. Os doces tais como a *bebinca*, a *báteca*, a *letria* chamada também *especiaria* feitos todos a partir do côco, tendo o ovo como um dos ingredientes e sendo assados, os primeiros dois, ao forno, à maneira ocidental. (131)

O templo, quer cristão quer hindu, exerceu um papel importante na vida social de Goa nos séculos a que se refere o nosso estudo. Se é verdade isso que Christopher Dawson disse: "Religion is key to history and it is impossible to understand a culture unless we understand its religious roots" (132) , pode -se dizer que todo o goês tem a sua vivência influenciada, de uma maneira ou outra, pelo templo das suas respectivas religião e aldeia.

A igreja católica com a sua escola paroquial e a devalaia hindu com o seu *pat-shala* contribuíram para a formação cultural e moral do cristão e do hindu, respectivamente. Como vimos noutra lugar, estas eram as únicas instituições de educação e instrução para os que não podiam prosseguir os seus estudos secundários e superiores. Cotineau de Cloguen que passou por Goa nos princípios do século XIX escreve: " Em cada paróquia há uma escola de meninos onde se ensina a ler, escrever e contar, " e Miguel Vicente de Abreu, numa anotação observa: " Nestas escolas primárias que eram às expensas das comunidades e confrarias mais se aprendia o canto, e a música, que a gramática portuguesa; a qual , por assim dizer, era estudada conjuntamente com a latina. "(133)

Foi no seio destas escolas paroquiais que se compuseram e se aprenderam os Motetes que ainda hoje se cantam nas igrejas de Goa durante a Quaresma, os hinos e os terços em honra da Virgem Maria tais como *Diptivonti Sulekinni*, *Adharache Maiê*, *Papianche Xeratini* ou de Santa Ana, tais como *Santa Ana amchi Mai*, *Santa Ana dhum Mathanachi*, para citar uns poucos ao acaso que são amostras típicas da simbiose luso-oriental, no campo da música religiosa. (134).

(131) Rodrigues, Maria de Lourdes B. da C., "Portuguese Influence on Goan Cuisine" em *Goa Today*. Panjim, Fev. de 1995, pag. 52-53

(132) Dawson, Christopher, *Medieval Essays*, Image Books, pag.,7.

(133) Cottineau de Kloguen, Diniz L., *Bosquejo Histórico de Goa*, Nova Goa, 1858., pag 155.

(134) Pereira - Martins, *op.cit.* ;

Rodrigues, Lucio, "The Euro-Indian Music of Goa", em *Sunday Navhind Times*, Goa, 12 de Março de 1972



ESCOLA HINDI

apanágio dos primeiros, a dureza da vida e o respeito -- compreendido segundo os cânones ético-sociais da época -- para com os seus superiores sociais era a característica dos segundos. Deles, não só em Goa mas em qualquer parte do mundo, fala bem pouco a História.

É verdade que, logo após a conquista de Goa, Albuquerque provera " hindus hábeis e leais em muitos cargos de responsabilidade " (140); porém, os séculos seguintes ficaram marcados por incompatibilidades sociais entre as duas comunidades.

Vimos que com a Carta Constitucional raiou um clima de desanuiamento que marchou pouco a pouco a uma aproximação cultural da parte dos hindus, da língua e cultura portuguesa. É um facto notável na história social de Goa que em Agosto de 1907, sob a direcção do Sr. Ramachandra P. Vaidya, foi dado à luz o primeiro número da revista *Luz do Oriente*.

As palavras que vamos transcrever em seguida, do *Propósito* da revista testemunham o modo de pensar e sentir de um considerável sector da *intelligentsia* hindu de Pondá: " O facto de termos nascido no seio de única mãe-pátria e vivermos sob a bandeira do único soberano, nos une em íntimos laços de irmandade que não podemos correr o risco de ser affrouxados pela diferença de castas e religiões "(141).

Como vimos noutra parte, a República abatendo para sempre " a barreira que se levantava, por motivos religiosos, diante dos hindus ", fez com que estes participassem plenamente na vida pública, como funcionários do estado, professores, membros do Conselho do Governo e do Conselho Legislativo e fossem mesmo educar-se na Europa -- coisa que a sua casta e religião reprovariam.

Foi o jovem hindu, Bolvonta Siurama Rau, quiçá o primeiro, que " impulsionado pela nova ordem de coisas, vencendo todas as resistências ", partiu para Portugal e após tirar o curso da Universidade de Lisboa, voltou como delegado do Procurador da República, da comarca de Quepém. Seguiu-o Balchandra Sirvoicar.

tico, económico e agrícola, Liv. Moreira, Porto, sem data de publicação) Os quadros estatísticos são de 1907; data do ensaio, 21 de Agosto de 1908.

Na página 41 descreve o regime da propriedade particular e privada que diz respeito aos *mund-cares* e *batcarás*.

(140) Gracias, Amâncio, *Portugal na Índia*, Conferência no Instituto Vasco da Gama aos 14/12/1946, pag. 22.

(141) *Luz do Oriente*, N^o-1, Agosto de 1907.

António de Noronha esperava, em 1922, que como um resultado da abertura social operada pela República no seio da comunidade hindu, dar-se-ia " entre portugueses e hindus a comunhão de interesses " e estabelecer-se-ia o " intercâmbio de afectos e dedicações " e " a alma portuguesa (entraria) na alma hindu "

Sem dúvida, as suas esperanças não foram em vão pois nas quatro décadas que se seguiram, hindus em número considerável começaram a participar na criação de uma cultura em língua portuguesa.

Na segunda metade do século XIX tivemos Suriagy Ananda Rau (1830 - 1888) que publicou uma *Memória sobre o sistema filosófico da Índia comparado com outros sistemas especialmente o catholicismo*. Mais tarde, no nosso século, aparecem Rajarama Pundolika Sinai Quelecar cujo primeiro livro foi uma tradução livre do *Bhagavad-Gita*, seguido de estudos sobre *Swami Vivekananda* e sobre *Vinoba Bhave e o Sarvodaya*.

Como ensaístas merecem referência Naraina Coissoró que publicou estudos sobre *O Asiatismo, Alguns Aspectos da Paisagem Goesa, A Nova Estrutura da Colonização*, Keshav Bhembró, Vithal Sukhtankar, Mukund Quelecar, Anant Kamat, Ramachandra Naik, Megasham Deshprabhu.

Siurama Bolvonta Rau (1885 - 1958), Sidbá Suriá Rau, Panduronga Pissurlenkar publicaram trabalhos de pesquisa histórica.

Ananta Rau Sar Dessai foi o criador e o mais talentoso cultor do teatro radiofónico em Goa, tendo deixado algumas peças curtas como *Os Irmãos Ideais, Parvo e Meio, A Resolução do Tumor da Barriga, Amor é Sacrificio, Ferramicina, A Força do Sexo Fraco* e outras. Ananta R. S. Dessai foi poeta e contista e escreveu com um estilo " fresco e real ".

Laxmanrao Sar Dessai (1904 -) que foi contista bem como poeta " profundamente preocupado com os problemas sociais ".

R. V. Pandit cuja poesia escrita origináriamenete em concanim é depois vertida para português pelo próprio poeta.